

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

MANOELA FERNANDES LOCATELLI

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**MORTE NA TRAVESSIA, COMOÇÃO POPULAR E POLÍTICA
MIGRATÓRIA: uma análise da crise dos refugiados sírios na perspectiva dos
jornais franceses *Le Monde* e *Le Monde Diplomatique* no contexto da morte de
Aylan Kurdi**

**GUARULHOS
2020**

Manoela Fernandes Locatelli

**MORTE NA TRAVESSIA, COMOÇÃO POPULAR E POLÍTICA
MIGRATÓRIA: uma análise da crise dos refugiados sírios na perspectiva dos
jornais franceses *Le Monde* e *Le Monde Diplomatique* no contexto da morte de
Aylan Kurdi**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de São Paulo como requisito
parcial para obtenção do grau em Bacharelado em
Ciências Sociais.
Orientador: Professor Dr. José Lindomar Coelho
Albuquerque.

**GUARULHOS
2020**

Na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei de direitos autorais nº 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita deste trabalho no Repositório Institucional da UNIFESP ou em outro meio eletrônico da instituição, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico para fins de divulgação intelectual, desde que citada a fonte.

Locatelli, Manoela Fernandes.

MORTE NA TRAVESSIA, COMOÇÃO POPULAR E POLÍTICA MIGRATÓRIA: uma análise da crise dos refugiados sírios na perspectiva dos jornais franceses *Le Monde* e *Le Monde Diplomatique* no contexto da morte de Aylan Kurdi / Manoela Fernandes Locatelli - Guarulhos, 2020.

64 f.

Trabalho de conclusão de curso - Graduação em Ciências Sociais – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2020.

Orientador: José Lindomar Coelho Albuquerque

1. Imigração. 2. Sírios. 3. Refugiados. 4. Alteridade. I. Albuquerque, José Lindomar Coelho. II. Travessia de morte, comoção popular e política migratória: uma análise da crise dos refugiados sírios na perspectiva dos jornais franceses *Le Monde* e *Le Monde Diplomatique* no contexto da morte de Aylan Kurdi.

Manoela Fernandes Locatelli

**MORTE NA TRAVESSIA, COMOÇÃO POPULAR E POLÍTICA
MIGRATÓRIA: uma análise da crise dos refugiados sírios na perspectiva dos
jornais franceses *Le Monde* e *Le Monde Diplomatique* no contexto da morte de
Aylan Kurdi**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de São Paulo como requisito
parcial para obtenção do grau em Bacharelado em
Ciências Sociais.

Orientador: Professor Dr. José Lindomar Coelho
Albuquerque.

Aprovado em: ____/____/____

Professor Doutor José Lindomar Coelho Albuquerque - UNIFESP

Professora Doutora Alessandra El Far - UNIFESP

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais, à minha família e amigos pelo incentivo e pela oportunidade de ter tido acesso à educação que me permitiu estudar em uma Universidade pública. Foram anos muito felizes e repletos de aprendizado – tanto no âmbito profissional quanto pessoal. Foi nela que pude realizar as minhas primeiras grandes conquistas e, agora, olhando para trás, fico orgulhosa da minha trajetória. Sou grata também aos meus colegas de graduação que me permitiram permear por diversas formas de pensar e de viver que me fizeram crescer imensamente.

Dedico este trabalho às milhões de pessoas em situação de refúgio pelo mundo, que lutam pelas suas vidas diariamente. A força e resiliência dos refugiados me inspiraram desde muito nova, incitando aquele jovem sentimento de mudança. Foi, para mim, um enorme prazer realizar uma pesquisa sobre este tema.

Por fim, agradeço imensamente ao meu orientador e professor Lindomar Albuquerque, que desde sempre me acolheu e auxiliou ao longo desta jornada de produção. Considero uma grande oportunidade acessar os conhecimentos e as vivências compartilhadas, foi em sua aula que me senti contemplada pelos estudos sobre imigração.

RESUMO

Essa pesquisa visa compreender a transformação das políticas de imigração da França após o menino sírio Aylan Kurdi ser encontrado morto em uma praia da Turquia na perspectiva dos jornais franceses *Le Monde* e *Le Monde Diplomatique*. Esse acontecimento trouxe a questão imigratória à tona em razão da comoção em nível mundial a respeito das condições em que as pessoas em situação de refúgio se encontravam, o modo como as autoridades lidavam com elas, além de toda a trajetória migratória perigosa, que faz com que muitos percam suas vidas.

Palavras-chave: Conflito; Imigração; Sírios; França; Refugiados; Aylan Kurdi.

RÉSUMÉ

Cette recherche vise à comprendre la transformation de la politique d'immigration de la France après que le garçon syrien Aylan Kurdi a été retrouvé mort sur une plage turque, du point de vue des journaux français Le Monde et Le Monde Diplomatique. Cet événement a mis en avant la question de l'immigration en raison de l'agitation mondiale concernant les conditions dans lesquelles les personnes en situation de refuge ont été trouvées, la manière dont les autorités les ont traitées, en plus de l'ensemble de la trajectoire migratoire dangereuse, rendant avec laquelle beaucoup perdent la vie.

Mot clefs: Conflit; Immigration; Syriens; France; Réfugiés; Aylan Kurdi.

ABSTRACT

This research aims to understand the transformation, from the perspective of the French newspapers *Le Monde* and *Le Monde Diplomatique*, of the immigration policies of France after the Syrian boy Aylan Kurdi was found dead on a Turkish beach. This event brought the immigration issue to the fore, due to the worldwide commotion regarding the conditions in which people in situation of refuge were, the way the authorities dealt with them, in addition to the dangerous entire migratory trajectory, which many had lost their lives.

Keywords : Conflit; Immigration; Syrians; France; Refugees; Aylan Kurdi.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Gráfico ACNUR	20
Figura 02 - Sírios em países vizinhos e na Europa	29
Figura 03 - Crise migratória	33
Figura 04 - Fotografia de Aylan Kurdi na praia	35
Figura 05 - Charges relativas à morte de Aylan Kurdi	41
Figura 06 - Mapa ACNUR	44

SUMÁRIO

Introdução	11
CAPÍTULO 1: O imigrante e o refugiado nas fronteiras da França e da Europa	16
1.1. O imigrante e o refugiado	16
1.2. As barreiras migratórias no contexto da globalização	24
CAPÍTULO 2: O retrato (in)visível da jornada de Aylan Kurdi	28
2.1. O conflito sírio pela visão da mídia	28
2.2. A trajetória da família Kurdi e a travessia do Mar Egeu	32
2.3. A repercussão imagética da morte de Aylan Kurdi	35
CAPÍTULO 3: Histórico das políticas acerca da imigração na França	44
3.1. O debate sobre as políticas imigratórias no início do século XXI na França	44
3.2. O governo de François Hollande (2012-2017) e a crise imigratória	49
3.3. O impacto da morte de Aylan Kurdi nas políticas de imigração na França e União Europeia	54
Considerações finais	59
Referências	61

INTRODUÇÃO

O fenômeno da imigração vem se tornando um problema de amplitude global. Com os diversos focos de conflitos pelo mundo que resultam em deslocamentos em massa deixando pessoas em circunstâncias de refúgio e vulnerabilidade, os governos nacionais se viram presos em uma dualidade: os refugiados são uma questão de segurança ou de acolhimento humanitário? Tratar essa questão em meio à ascensão do nacionalismo e de políticas conservadoras dificulta um plano de ação, pois o comportamento xenófobo de grupos sociais cada vez mais numerosos acaba por criar e validar políticas restritivas acerca da imigração. Esta pesquisa visa, a partir de uma análise específica dos refugiados sírios na França, entender os impactos do processo migratório na sociedade francesa e as questões sociais advindas da imigração a partir da visão jornalística francesa.

O intenso fluxo de imigrantes sírios em situação de refúgio para a Europa repercutiu na maneira como esse fenômeno vem sendo abordado, além de fomentar uma forte cobertura midiática acerca do tema, o que acarretou em uma mobilização dentro da comunidade internacional acerca do destino de pessoas em situação de refúgio. Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), há cerca de 5,5 milhões¹ de sírios que deixaram suas casas devido aos conflitos na região, 105 mil² foram para a Europa, 2.930³ solicitaram proteção à França em 2018 e a estimativa é de que somente 1.265⁴ deles adquiriram *status* de refugiado para permanecerem legalmente no território francês. Diante disso, é de fundamental importância elucidar o início de todo o contexto político que acarretou esse descolamento em massa da população síria.

Em meados de dezembro de 2010, na Turquia, iniciou-se um levante popular – formado majoritariamente por estudantes – aclamando por liberdade política e direitos sociais. Isso se alastrou pelo Oriente Médio e pelo Norte da África, fazendo com que os demais países aderissem à revolução, a denominada Primavera Árabe. Posteriormente,

¹ ACNUR. Agência da ONU para Refugiados. Refugiados. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/refugiados/>. Acesso em: 05/12/2019.

² ACNUR. Agência da ONU para Refugiados. Europe Situation. Disponível em: <https://www.unhcr.org/europe-emergency.html>. Acesso em: 05/12/2019.

³ AIDA. Asylum Information Database. Statistics France. Disponível em: <https://www.asylumineurope.org/reports/country/france/statistics>. Acesso em: 05/12/2019.

⁴ AINDA. Asylum Information Database. Statistics France. Disponível em: <https://www.asylumineurope.org/reports/country/france/statistics>, acesso em: 05/12/2019.

na Síria – lugar no qual os conflitos tomaram proporções maiores devido à resistência de Bashar Al Assad:

(...) os ventos revolucionários chegaram à Síria, onde o clamor popular por uma abertura política, somando-se às reivindicações econômicas e sociais, impulsionaram uma instabilidade regional. Por conseguinte, ocorreu a resistência de Bashar-al Assad e seus aliados contra o movimento rebelde, desencadeando numa guerra civil com proporções devastadoras, bem como o surgimento de um novo ator que emergiu dos conflitos e tem como objetivo central a recriação do califado islâmico. Desta forma, o Estado Islâmico (EI) surgiu como um grande fator desestabilizador da geopolítica regional, bem como dos interesses internacionais que cercam o Oriente Médio desde a sua formação, ampliando, assim, a grande parcela de refugiados e aumentando a crise humanitária que envolve a região por anos. (LIMA, 2016, p. 59)

Com isso, o conflito passou a gerar uma polarização dentre as grandes potências mundiais, envolvendo as principais potências econômicas e bélicas. A Rússia apoiou o governo de Bashar Al Assad e os Estados Unidos conjuntamente à União Europeia se colocaram junto aos rebeldes – grupo que luta contra o avanço da ditadura de Assad. Diante dessa conjuntura, milhões de pessoas foram forçadas a deixar o país devido aos intensos bombardeios, fazendo com que a crise humanitária se alastrasse, tornando-se também uma crise migratória. É importante pontuar que os principais destinos dos sírios são os países que fazem fronteira com a Síria, como a Turquia, o Líbano, o Irã, o Iraque e a Jordânia, onde estão localizados os principais campos de refugiados. Destinos como a Europa e os demais continentes são mais complexos de se chegar, pois exigem deslocamentos mais perigosos e travessias marítimas. Entretanto, a Europa não deixa de ser vista como um bom destino, devido ao seu desenvolvimento econômico e à “facilidade” de prosperar.

Nesse sentido, assume-se como hipótese que a natureza da recente crise migratória de 2015 na Europa é multicausal, agregando aspectos econômicos, sociais e políticos, o que provocou, considerada a magnitude do fluxo migratório e o arranjo institucional da União Europeia, alterações estratégicas do bloco para a administração das migrações sob conflito político entre os Estados-membros a respeito do tema. (DA COSTA JUNIOR, 2016, p. 22)

Nesse sentido, ao chegarem na Europa, os imigrantes se veem frente às diversas políticas migratórias que servem de barreiras materiais, jurídicas e simbólicas, tanto para a entrada no país escolhido como para a permanência.

O marco temporal de início da análise das reportagens sobre os refugiados sírios nos jornais *Le Monde* e *Le Monde Diplomatique* será a morte, no dia 02 de setembro de

2015, do menino Aylan Kurdi, criança síria de apenas três anos encontrada morta em uma praia da Turquia em decorrência de afogamento visto que seu bote naufragou ao realizar a travessia marítima para chegar ao continente europeu. O menino partia com destino à Grécia (ilha de Kos) junto a sua mãe e irmão, além de, no mínimo, outros onze refugiados que também realizavam a travessia. O único integrante da família Kurdi que sobreviveu foi o seu pai, que há tempos desejava levar sua família para a Europa. Eles estavam morando na Turquia e optaram – após não conseguirem chegar até a Grécia de maneira legal – por realizar a travessia em um bote inflável.

A imagem repercutida mundialmente dos agentes turcos encontrando o corpo da criança provocou diversos questionamentos sobre a tratativa para com os refugiados e o papel e a atuação ínfima da União Europeia frente à onda imigratória. Dois dias após sua morte, o jornal *Le Monde* publicou uma homenagem ao menino, expondo diversas charges que expressaram a desumanidade e a exclusão social enfrentada por indivíduos em situação de refúgio. A produção de charges de crítica social e política se popularizou com o ataque terrorista na capital francesa que atingiu o jornal Charlie Hebdo e a casa de shows Bataclan, que ocorreu em janeiro do mesmo ano. As charges continham explicitamente reações contra as políticas imigratórias da União Europeia e pedidos de ajuda aos refugiados, além de críticas contra o sistema de vistos, muitas vezes colocando Aylan Kurdi como um anjo.

Com isso, busca-se identificar e extrair os desdobramentos das políticas de imigração na França, noticiadas e interpretadas por esses dois jornais. A pesquisa busca compreender – caso haja – mudanças na política de asilo a partir da comoção mundial gerada pela foto do menino sírio, entendendo a transformação do modo em que a própria sociedade francesa lida com a recepção de pessoas em situação de refúgio. Portanto, o ponto relevante desta pesquisa é buscar compreender as questões políticas e sociais no entorno da imigração síria, para que em uma época como a que vivemos atualmente seja possível lidar com o “estranho” de forma mais igualitária e humana.

A intenção desta pesquisa é, portanto, analisar a questão dos refugiados sírios na França nas perspectivas do *Le Monde* e *Le Monde Diplomatique* – a utilização dos dois jornais se dá pelas diferenças de abordagens jornalísticas dos dois periódicos do *Groupe Le Monde*. O *Le Monde Diplomatique* tem publicação mensal e vislumbra análises e reflexões mais aprofundadas acerca dos temas discutidos dentro desse escopo. Já o *Le Monde*, que é editorialmente independente do *Le Monde Diplomatique*, é um jornal diário, centrado na apresentação dos acontecimentos nacionais e internacionais que

abordam o cotidiano francês e do mundo, mas também apresenta análises, editoriais, artigos de opinião, etc.

O *Le Monde Diplomatique* surgiu com a intenção de trazer informações, majoritariamente sobre relações internacionais, destinadas à classe diplomática e às organizações internacionais. Seu criador foi um diplomata nascido na Hungria, que se associou ao antigo jornal *Le Monde* e atuou como um apêndice desse, posteriormente ganhando independência e se tornando um subordinado do *Groupe Le Monde*. Seu posicionamento, desde 1970, é mais ousado, postulando duras críticas às políticas neoliberais e se afeiçoando às causas do “terceiro mundo”. Dessa forma, é possível captar parte da máquina de comunicação da sociedade francesa e transmutar isso na interpretação da recepção dos refugiados sírios e a sua inserção social pela visão do país receptor. A perspectiva jornalística também possibilita captar o cerne ideológico da informação atrelado ao seu contexto social, econômico e político, bem como a forma de reprodução da opinião pública francesa sobre o tema dos refugiados, particularmente o caso dos sírios.

A seleção das reportagens analisadas se deu por meio da busca por eventos relevantes, contemplando os fatos e as reflexões postas sobre os imigrantes sírios nos sites dos jornais localizados por meio de palavras-chave, como: “refugiado”, “Síria”, “Aylan Kurdi”, “imigração” e “política migratória” majoritariamente. Depois desta seleção e sistematização das reportagens, procurou-se ver a repercussão das notícias, especialmente as relacionadas à morte de Aylan Kurdi e às políticas migratórias francesas. A partir desse material coletado, foi realizada uma análise de conteúdo (BARDIN, 1977) dessas reportagens, abordando a postura dos jornais em relação à crise migratória na Síria – como foi entendida a vinda de pessoas em situação de refúgio e se os jornais estabelecem uma postura crítica em relação às políticas migratórias dos governos franceses de diferentes perfis políticos e ideológicos. Por se tratar de meio de comunicação, tal procedimento metodológico é fundamental, pois através dele é possível captar o fator ideológico. Como coloca Foucault (1979), trata-se uma forma de entender as características sociais já que a informação se dissemina de diferentes maneiras de acordo com as sociedades. Houve ainda um foco adicional no discurso estético por meio da análise de algumas imagens, especialmente a abordagem da foto difundida na mídia do menino deitado à beira mar, visando entender aspectos estéticos e emocionais na produção discursiva da comoção social.

A monografia está organizada em três capítulos. No primeiro, contextualiza-se a condição de imigrante e sua diferenciação com o termo de refugiado, embasado teoricamente por Abdelmalek Sayad e Didier Fassin, além de expor a questão fronteiriça da União Europeia e de alguns dos países-membros. Os dois capítulos seguintes adentrarão nas reflexões propostas pelas mídias escolhidas como escopo de análise, *Le Monde Diplomatique* e *Le Monde*, sobre os refugiados sírios na França e os desdobramentos causados nas políticas de imigração a partir do marco temporal estipulado – a morte do menino Aylan Kurdi na Turquia em decorrência do naufrágio de seu bote em 2015.

CAPÍTULO 1: O imigrante e o refugiado nas fronteiras da França e da Europa

A análise dos discursos jornalísticos sobre os refugiados sírios na França pressupõe inicialmente abordar alguns aspectos teóricos e históricos da imigração e da situação dos refugiados nesse país. Esta abordagem priorizará especialmente as reflexões de autores franceses ou que viveram na condição de imigrantes no território francês.

1.1. O imigrante e o refugiado

Abdelmalek Sayad é um sociólogo argelino que imigrou para a França e desenvolveu estudos sobre a imigração argelina, a qual é uma das maiores comunidades imigrantes e descendentes na França, junto aos portugueses. Para o autor, os descendentes de argelinos que já nasceram na França e do ponto de vista legal são cidadãos franceses não são reconhecidos socialmente como pertencentes à nacionalidade francesa, sendo vistos ainda como imigrantes. Em seu texto “*O que é um imigrante?*”, Sayad caracteriza o indivíduo em trânsito tanto no âmbito social quanto no econômico, tendo enfoque na perspectiva do trabalho, pois para ele o estigma de um imigrante é ser uma mão de obra transitória e facilmente substituível dado o intenso fluxo de indivíduos na mesma condição, colocando “trabalhador” e “imigrante” como um “pleonasma”. Na ausência de trabalho o imigrante é descaracterizado, estando refém aos olhos da sociedade de tal circunstância.

O imigrante, nesse contexto, não é visto pela sociedade como uma peça fixa do quebra-cabeça social, no entanto, a noção de provisoriedade é parcialmente rompida pela estabilidade que o trabalho produz.

Por não conseguir sempre pôr em conformidade o direito e o fato, a imigração condena-se a engendrar uma situação que parece destiná-la a uma dupla contradição: não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro, mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade. (SAYAD, 1998, p. 3)

Dessa forma, o imigrante não é visto como alguém permanente no espaço social, pois ele faz parte de um fenômeno que se regenera constantemente para suprir as

necessidades vagas – ou seja, ele é facilmente substituível. E por ser visto apenas como uma força de trabalho barata, ele carrega a culpa de um eventual descompasso econômico com o argumento de tirar o emprego dos cidadãos. Com isso, cria-se uma onda xenofóbica, que é persistente, mas realçada em momentos de crise, como agora com a crise migratória e econômica na Europa. Isso evidencia a diferença social entre estrangeiros e imigrantes. Embora do ponto de vista legal os imigrantes sejam estrangeiros ao território de acolhida, há diferenças simbólicas entre os dois termos. A palavra “estrangeiro” pode estar associada, em situações específicas, à condição de turista pertencente a classes sociais privilegiadas. Nesse caso, o estrangeiro turista é melhor recebido, mesmo diante de diferenças culturais. Já o imigrante, ainda que possua a cidadania do país, muitas vezes não é considerado um cidadão devido às diferenças socioculturais que não estão em linha com os costumes eurocêtricos.

Há também um embate relativa à noção de direitos. O imigrante, por ser entendido pela sociedade receptora como um indivíduo transitório e não pertencente culturalmente àquele meio, conseqüentemente não deve possuir direitos equivalentes aos cidadãos, sendo geralmente marginalizado e, em situações extremas, destituído da própria condição humana. Não existem preceitos de igualdade social perante a sociedade de chegada, há uma distinção entre a provisoriedade exprimida pelo imigrante *versus* a estabilidade caracterizada pelo cidadão, fazendo com que essa relação deteriore a noção de que imigrantes são indivíduos detentores de direitos em sua completude, não apenas “direitos parciais de trabalhadores imigrantes”. Sayad também entende que a imigração só é viável para o imigrante quando computados os lucros econômicos e custos – no sentido cultural e social, sendo a diferença um vantajoso saldo positivo, ressaltando que a imigração não deveria apresentar custos, apenas vantagens.

Como maximizar as “vantagens” (principalmente as vantagens econômicas) da imigração, reduzindo ao mesmo tempo ao mínimo o “custo” (notadamente o custo social e cultural) que a presença dos imigrantes impõe? Esta é uma formulação que, ao mesmo tempo que condensa em si toda a história do fenômeno da imigração, revela a função objetiva (ou seja, secreta) da regulamentação aplicada aos imigrantes: mudando segundo as circunstâncias, segundo as populações relativas, essa regulamentação visa impor a todos a definição constituída em função das necessidades do momento. (SAYAD, 1998, p. 49)

Esta definição do imigrante está intrinsicamente exposta no âmbito jurídico e social, o imigrante deveria possuir os direitos de um residente. Em crises econômicas fica evidente a utilidade laboral do imigrante em contradição com o “custo social” empregado. Esse custo implica deixar os familiares em busca de novas condições – até para enviar ajuda financeira ao país natal, além de toda a taxação imposta pelas diferenças socioculturais entre o imigrante e os cidadãos, que não são receptivas para quem está diante de tais circunstâncias. Toda essa relação está posta na legislação e nas políticas de imigração que vão negar ou não a sua estadia direcionada para o trabalho, circundando a chegada do imigrante na sociedade receptora e definirá a sua posição social a partir de então, encaixando-se totalmente na definição de imigrante colocada por Sayad: “um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, e em trânsito” (SAYAD, 1998 p. 54). O autor completa inferindo que a situação de imigrante foi criada a partir da condição do trabalho – dada a necessidade de mão de obra – e este não é caracterizado como qualquer, é o labor existente no “mercado de trabalho para imigrantes”.

Como o trabalho (definido para imigrantes) é a própria justificativa do imigrante, essa justificativa, ou seja, em última instância, o próprio imigrante, desaparece no momento em que desaparece o trabalho que os cria a ambos. Entende-se então a dificuldade, que não é apenas técnica, que se tem em definir o desemprego no caso do imigrante (até quando? durante quanto tempo?), a dificuldade que se tem em pensar a conjunção do imigrante e do desemprego: ser imigrante e desempregado é um paradoxo. (SAYAD, 1998, p. 55)

Sayad coloca, portanto, a ideia de “percepções coletivas”, que são apresentadas pelos grupos sociais. Os imigrantes fazem parte de um grupo que é caracterizado pelo trabalho e pela provisoriedade e há também de se pontuar o fator de deixar suas famílias, suas comunidades, culturas, costumes e até mesmo seus sistemas econômicos, fatores que fazem parte naturalmente do “ser” cidadão de uma determinada nação, para tornar-se um ser “não-nacional”. Essas são percepções comuns ao grupo que imigra, o qual compartilha os sentimentos e angústias de ser estranho à nação para a qual se mudou.

É importante refletirmos também sobre as pessoas em mobilidade transnacional que se deslocam porque são forçadas devido às situações de perseguições variadas. Os imigrantes em situação de refúgio, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), são indivíduos que são forçados a deixar seus países devido a conflitos armados,

perseguições políticas ou religiosas e também por conta de desastres naturais ou climáticos. Essa distinção é fundamental para que haja a garantia de seus direitos, pois os refugiados cruzam fronteiras em busca de proteção e segurança. O *status* de “refugiado” é reconhecido internacionalmente, o que lhes garantem auxílio humanitário e político de Estados e do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, o ACNUR. O asilo para essas pessoas é primordial para que possam viver em segurança; quando negado, pode causar impactos extremamente perigosos, dada a situação de vulnerabilidade em que se encontram.

Didier Fassin, antropólogo e sociólogo francês, postula uma reflexão acerca da questão do asilo e da entrada de refugiados na França em seu texto *“Compaixão e repressão: economia moral das políticas de imigração na França”* (2014). O autor faz uma análise histórica da concessão do *status* de “refugiado” aos que buscam asilo em seu país, correlacionando às políticas de imigração do Estado francês. Em 1951, foi assinado o Estatuto do Refugiado, após o fim da Segunda Guerra Mundial, que resultou em um grande número de refugiados europeus. Foi necessário o debate sobre os direitos embasados juridicamente de pessoas em situação de refúgio – principalmente a questão de proteção. Esse documento tem valor internacional e dá amplas liberdades para os Estados sobre a tratativa para com os indivíduos que estão nessa situação, todavia, é seu dever assegurar-lhes proteção, trabalho, educação, serviços de saúde e direitos básicos, como o de transitar e opinar livremente – política ou religiosamente. Foi nesse tratado que se criou a definição de “refugiado”, diferenciando-o de um imigrante, e também o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). Entretanto, a atuação do órgão era limitada aos refugiados europeus. Somente em 1967, com o Protocolo de Nova Iorque, definiu-se que qualquer indivíduo que se encaixasse na definição de refugiado deveria ser tratado como um e teria que ter os seus direitos assegurados. A partir de então, Fassin pontua que houve a universalização do asilo juridicamente, que anterior a isso era entendido como um acolhimento seletivo que deveria ser concedido pelo Estado, independente de situação de vulnerabilidade aos cidadãos europeus⁵.

⁵O autor aborda a questão de concessão de asilo, que primeiramente precisa ser explicada: o termo “asilo” em sua etimologia esteve historicamente relacionado com o estrangeiro desde os tempos medievais. Com isso, em um contexto contemporâneo, ele passou a ser interpretado como uma proteção concedida pelo Estado aos indivíduos que sofrem perseguição de natureza política ou religiosa, sendo uma medida de cunho política e individualizada – difícil de ser aplicada a grandes mobilizações, como no caso do conflito sírio, sendo que a proteção pode ser vigorada em Embaixadas ou no próprio país que foi

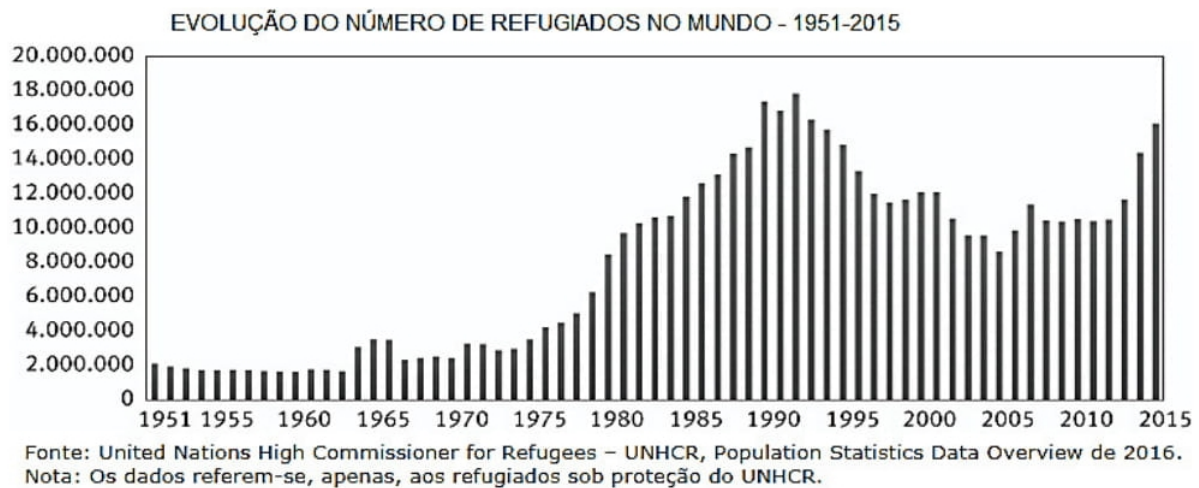
O autor expressa que apesar dessa conquista, os governos continuariam a criar impasses para a concessão do asilo aos refugiados, criando conflitos de reconhecimento de um *status* que assegura a proteção do indivíduo que agora teria garantias perante o Direito Internacional, com as mesmas distinções socioeconômicas que eram usadas como justificativa. As pessoas que viriam de países subdesenvolvidos seriam solicitantes de refúgio, já os que sairiam da Europa ou Estados Unidos, requerentes de asilo. Durante o pós-guerra, os países europeus demonstraram mais receptividade dada a crise econômica que se instaurara. Dessa forma, houve uma necessidade de ampliação de mão de obra para que assim toda a infraestrutura devastada pela guerra fosse reerguida e também, devido à polarização política, as políticas de asilos estavam mais frouxas para a recepção de pessoas advindas de países comunistas durante a Guerra Fria (1947-1991). Após esse período, com o encolhimento da economia e diminuição da necessidade de mão de obra desqualificada para assumir tais postos frente ao crescimento do desemprego de profissionais qualificados e cidadãos, a política de imigração passou a ser mais severa com a intensificação do controle de fronteira, fazendo com que requerentes de asilo passassem a buscar o *status* de refugiado, o que, conseqüentemente, desencadeou uma onda de incertezas e questionamentos sobre a validação das condições desses indivíduos. Concomitantemente, o caso francês expõe que os termos “asilo” e “refúgio” passam a ter o mesmo significado em razão das imposições propostas pelo governo, que dificultava a entrada de solicitantes de asilo, automaticamente, implicando em uma problemática quantitativa que acabou por precarizar a razão do *status* de refugiado.

Dado o contexto, houve um crescente número de pessoas solicitantes de refúgio, como mostra o gráfico abaixo⁶ – que aponta que o número de refugiados assegurados pela ACNUR teve uma queda a partir de 1965. Com isso, as políticas de imigração endureceram e os refugiados passaram a ser vistos de forma estereotipada, criando um paralelo com Sayad, que condiciona a complacência governamental para com o imigrante de acordo com o seu bem-estar econômico, transformando em um corpo que

concedido (asilo diplomático). Para o caso Francês, o autor aborda os termos como equivalentes em razão da política imigratória adotada pelo governo.

⁶ ACNUR. Agência da ONU para Refugiados. Gráfico de evolução do número de refugiados no mundo. Disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/-1BIAqnpD0UQ/XUov66ZGSil/AAAAAACXRI/RjUhhWKG6MG--kG-yfz5a5HirjgkTiZQCLcBGAs/s1600/gr%25C3%25A1fico%2Babaixo%2Btrata-se%2Bda%2Bquest%25C3%25A3o%2Bsobre%2Brefugiados%2Bno%2Bglobo.jpg>. Acesso em: 05/12/2019.

apenas existe se trabalhar. Ademais, as entrevistas ficaram mais rigorosas em virtude dos “falsos refugiados”, fazendo com que os agentes buscassem cada vez mais a verdade nas histórias. Fassin também coloca que esse procedimento era comparado com um interrogatório, sendo um momento delicado para os requerentes.



Em contrapartida às restrições migratórias, a única saída para alguns era a imigração ilegal. Essa veio com a dinamização da Nova Ordem Mundial, que culminou em um nacionalismo exacerbado e, assim, em conflitos que levaram muitos a adotar a clandestinidade para obter proteção.

Ambos os fenômenos levaram a uma aceleração na circulação de pessoas (Kearney, 1995). Na lógica local, com leis de imigração crescentemente restritivas, o asilo se tornou uma das únicas vias de acesso à conquista de status legal, levando a uma indistinção entre motivações políticas e econômicas (Watters, 2001). Face a uma quantidade crescente de solicitações, a reação política mais comum foi a denúncia à ‘crise do asilo’. (FASSIN, 2014, p. 24)

Fassin explana resumidamente o ponto acima com a frase do Primeiro Ministro Michel Rocard: “A França não pode receber toda miséria do mundo”. Nela está intrínseco o falso estereótipo dado aos refugiados. Nem todos são pobres ou sem estudos. Os que se apresentam nessa condição geralmente só solicitam refúgio por proteção. Nesse tipo de discurso, produz-se uma indiferença entre imigração por motivações econômicas – que seriam imigrantes comuns – e aqueles que se deslocam por questões de perseguições e ameaças de diversas ordens – os denominados refugiados. Como exposto no texto, essa atitude acabou por impulsionar outros discursos que desvalidam a imigração e assim deram força para o acirramento,

novamente, de políticas de controle de fronteira e da concessão de asilo, fazendo com que a questão de refúgio e asilo adentrasse em uma dicotomia entre a relação humana e a segurança nacional.

Como será exposto mais adiante nesta monografia, Fassin abrange a ideia de sentimento seletivo. Quando ocorrem tragédias com imigrantes, há uma comoção da comunidade internacional que promete políticas mais inclusivas e humanas, além de inserir na pauta dos debates em Fóruns e Assembleias. Com isso, consequentemente, a população responde com compaixão e pesar para com os indivíduos. No entanto, essas notícias caem no esquecimento, o que reacende o seu cotidiano de exclusão e opressão social. Os discursos vigentes são um fardo para o refugiado, pois há sempre o estigma de não ser cidadão e os que não estão regularizados – mesmo que com o processo em andamento – são chamados de *sans papiers* (sem papel).

Trata-se do processo de desqualificação dos refugiados, que se organiza em três etapas. A primeira consiste na contenção dos benefícios sociais, que na França se referem ao direito de trabalhar, à restrição da ajuda financeira a um ano e à extinção da concessão de moradia. Isso foi feito na intenção de mostrar aos requerentes de asilo que a França não seria um país interessante no âmbito socioeconômico. A segunda estratégia está relacionada à “criminalização dos imigrantes”, que seria a detenção dos que tentam entrar na França. Há também a possibilidade de os mandar de volta para os seus países, além do *double peine*, que seria uma sentença aplicada especificamente aos imigrantes estrangeiros. A última medida seria de cunho arbitrário, em que os solicitantes de asilo seriam enquadrados em duas categorias, sendo uma mais favorecida que a outra. Nessa categoria inferior, o imigrante teria sua concessão provisória de residência revista ano a ano, aumentando as chances de ser enviado de volta para o seu país natal.

Portanto, Fassin explicita que a França criou um paradoxo com a Convenção de Genebra, dada a sua tratativa com os refugiados e solicitantes de asilo. Ao criar estratégias para restringir cada vez mais a entrada de imigrantes e conceber uma base legítima – que seria o processo de aprovação do visto – para mantê-los confinados em campos de refugiados e aclamar por ajuda humanitária de organismos internacionais, age de maneira incoerente em relação ao acordo. Isso só cessou, como aponta o autor, com a Convenção de Dublin, em 1990, que visava acelerar os processos de solicitação de refúgio em toda a União Europeia (UE), além de determinar qual Estado é responsável por esse indivíduo – atualmente o primeiro Estado em que o refugiado

chega e solicita asilo é responsável pela sua segurança e proteção. Essa convenção tinha também como propósito diminuir o número de refugiados que ficavam na transição de responsabilidade entre Estados para ter seus direitos reconhecidos.

Desde a Segunda Guerra Mundial (1939-45), a sociedade francesa recebeu um grande número de imigrantes com a intenção de trabalhar para reconstruir o país no pós-guerra e buscar novas condições de vida. Isso fez com que a França prosperasse economicamente, todavia, a presença dos imigrantes causou impasses e manifestações xenófobas, expondo o caráter nacionalista do território quando houve a recessão econômica por volta da década de 1970, evidenciando a dificuldade de fazer com que o imigrante pertencesse à sociedade depois de notar que esses não retornavam aos seus países de origem. Então, foi posto o antagonismo de que a mão de obra estrangeira era vista como positiva durante o crescimento econômico e, diante da desaceleração da economia, essa força de trabalho migrante tomou uma forma negativa, com discursos locais que acentuaram a não adaptação aos costumes da sociedade de chegada e à relação entre o fim da oferta de trabalho para os cidadãos e a permanência dos imigrantes, pois esses ocupariam os postos de trabalho daqueles.

Há também que se mencionar as questões referentes aos “laços que ligam o imigrante à França”, como colocado por Rossana Reis:

A área mais controversa da política francesa em relação aos imigrantes no período estudado não foi o controle da entrada, mas o questionamento dos laços que ligam o imigrante à França, e que legitimam a sua estada, e o questionamento sobre a nacionalidade de muitos franceses descendentes de estrangeiros e de muitos franceses naturalizados. Ao contrário dos Estados Unidos, que concentram os seus esforços restricionistas na fronteira externa, a França, ao longo dos últimos anos, adota políticas que questionam principalmente a fronteira interna entre cidadãos e estrangeiros, e entre estrangeiros legais e ilegais. Com o tempo, isso vai levar ao surgimento da figura dos *sans papiers* (...). (REIS, 2007, p. 111)

Fassin também dialoga com Sayad e seu espectro econômico acerca dos imigrantes, além de colocar a questão da doença como condicionante de entrada no país por justificativas humanitárias. Em meio aos anos 1990, temendo que ficassem sem tratamento, o Estado passou a conceder um visto de caráter humanitário para que o imigrante seja acolhido e tenha direito de permanecer temporariamente para se tratar no território. As doenças tinham que requerer tratamentos patológicos sem que penetrassem no âmbito psicológico; a depressão, por exemplo, não era entendida como

um motivo válido, ao contrário da AIDS. Essa situação dialoga com a sensibilização social provocada aqui pelo fator “doença”, chegando até a flexibilizar as políticas governamentais. Isso pode ser relacionado intimamente com a morte de Aylan Kurdi – que será abordada afundo nos demais capítulos –, que comoveu para além das fronteiras com a sua trágica morte. Os corpos doentes acabam por sensibilizar pela situação de vulnerabilidade em que se encontram os indivíduos, correlacionando, assim, ao corpo do menino na praia turca despido de futuro e dignidade, pois tudo o que o seus pais queriam era dar para ele e para o irmão uma vida segura. O caso dos refugiados sírios mobilizou a luta pelas causas humanitárias dentre todo o sofrimento enfrentado por quem coloca a sua vida em risco visando uma vida melhor.

1.2. As barreiras migratórias no contexto da globalização

Diante da globalização, inseriu-se uma noção de mundo sem fronteiras (OHMAE, 1990), entretanto, os reflexos da mundialização foram para um rumo totalmente distinto do previsto. Os jogos de interesse e as tensões ideológicas passaram a causar uma sensação de insegurança, desde então, os discursos sobre a necessidade da barreirização para conter os fluxos de imigrantes ilegais, o tráfico de drogas e as ameaças terroristas se tornaram uma preocupação central dos governos que viam a necessidade de agir e se fazer presente nessas questões em âmbito global.

As barreiras foram então instituídas para que os fluxos fossem controlados, não necessariamente cessados. Porém, há uma seletividade nesses processos, os fluxos de troca cambial e tecnológica não possuem restrições, os de material possuem restrições leves que são postas de acordo com as políticas de taxaço nas exportações e importações de cada país. Já a circulação de pessoas é o que sofre maior restrição devido às imigrações ilegais, com isso, existe uma hierarquização desse fluxo, como Rosiere descreve, a *bussiness-classcitizenship*, que são as mais bem aceitas por serem pessoas que se utilizam da globalização para promover trocas econômicas e o intercâmbio de conhecimento. Em contrapartida, as *lowcostcitizenship* são evitadas visto que nelas predominam pessoas de baixa renda que migram em busca de melhores oportunidades ou são advindas de zonas conflito, como os refugiados.

Portanto, essas barreiras são como “membranas assimétricas autorizando a saída, mas protegendo a entrada de indivíduos vindos do outro lado” (FOUCHER, 2007, p. 18). A permeabilidade dessas membranas é variável de acordo com o interesse do

Estado, explicitando seu caráter seletivo. Para controlar os fluxos migratórios, é necessário que os governos desenvolvam uma infraestrutura especializada em segurança nacional, que pode ser de natureza tecnológica, administrativa e/ou atuar como barreira física – muros e cercas. Ao tratar-se de refugiados, esse controle é ainda mais intenso, dada a onda de atentados terroristas somados à crise imigratória oriunda na Síria que atingiu a Europa nos últimos anos, inserindo a França como rota e destino final de pessoas em busca de refúgio.

É relevante refletirmos sobre a relação entre livre circulação de pessoas e barreiras externas na própria Europa no contexto da transmutação das fronteiras internas e externas do continente. Com o acordo de Schengen, sancionado pela União Europeia em 1985 e com alterações sucessivas até hoje, ficou mais simples se locomover pelo território europeu. Primeiramente, foi firmado com a participação da Comunidade Europeia, que era integrada por França, Alemanha e Benelux⁷. O acordo de Schengen consiste na livre circulação de pessoas, extinguindo o controle de fronteiras internas – com exceção de casos que envolvam a segurança nacional, como ataques terroristas – e reforçando o monitoramento fronteiriço nos limites do espaço de Schengen. Dessa forma, as fronteiras se estendem para além dos territórios nacionais, fazendo com que se necessite de uma regulação dentro da União Europeia (UE) acerca da legislação imigratória. Contudo, há de se respeitar a soberania de cada Estado, que tem a liberdade de construir suas normas sobre o tema. Em 2018, a UE negociou a criação de centros de controle para a recepção dos imigrantes. Esses têm a função de selecionar quais imigrantes estão aptos para permanecer em território europeu e quais devem retornar aos seus países de origem. Com a crise contemporânea, os países do Mediterrâneo argumentam necessitar de ajuda dos outros membros do bloco, pois o fluxo é mais intenso e eles dizem não possuir estrutura para recepcionar todos que chegam, já que, como exposto anteriormente, o primeiro país que recepciona o refugiado, torna-se responsável pela sua proteção.

Em meados de 2015, mais precisamente entre os meses de agosto e outubro, a Europa foi alvo de um incessante fluxo de imigrantes em decorrência dos crescentes conflitos na Síria – e nas demais localidades do Oriente Médio, colocando o acordo de Schengen à prova. Os membros estavam divididos, pois até então controlavam seus fluxos receptores de acordo com a situação interna, considerando questões políticas,

⁷ A Benelux era formada pela Bélgica, Países Baixos e Luxemburgo e, juntos, já possuíam um acordo de livre circulação de pessoas.

socioeconômicas e a capacidade de concessão de auxílio para essas pessoas que chegariam em situação de vulnerabilidade. No entanto, a crise política em decorrência do fenômeno migratório se instaurou no bloco e os vieses políticos passaram a controlar as fronteiras. Primeiramente, os países que mais estavam recebendo ilegalmente os refugiados eram os situados nas fronteiras do bloco – de mais fácil acesso pelo mar ou via terrestre, como a Hungria, a Itália, a Eslováquia e a Grécia, e a partir deles os imigrantes se direcionavam aos demais países. Com isso, houve o aumento do controle fronteiriço. É importante lembrar que a União Europeia investe em dispositivo e bases de dados há mais de 25 anos⁸. Tais investimentos aumentam a letalidade nas fronteiras externas da União Europeia, dificultam o acesso aos documentos, serviços ilegais de travessias e até mesmo o suborno dos policiais de fronteira.

As vias legais para se entrar na Europa como solicitante de asilo são escassas e, em meio a uma crise migratória – comumente rechaçada pela comunidade local e pelo governo –, se tornam ainda mais difíceis. No caso francês só é permitido fazer a solicitação do requerimento ao asilo presencialmente em uma Embaixada ou Consulado, fazendo com que muitos tenham que se deslocar para solicitar, pois, por causa dos conflitos, eles podem estar fechados e então viajar até a França e entrar com o pedido formal de asilo. Trata-se de um processo caro e perigoso, estando disponível apenas para aqueles que são oriundos de famílias com um bom aporte financeiro. A outra maneira é através dos campos de refugiados promovidos pela ACNUR, que, por meio de acordos de cooperação, encaminha as pessoas em situação de refúgio para os países receptores (em razão da Convenção de Genebra – os integrantes da UE assinaram o documento) ou os integram no país em que o campo está localizado – se há possibilidade, eles auxiliam também na volta para o país natal. As condições nesses campos são, muitas vezes, complicadas devido à superlotação e às condições precárias de abrigo. No entanto, lá os refugiados terão a proteção internacional e auxílio das demais organizações internacionais, como os Médicos Sem Fronteira e a Cruz Vermelha para as questões de saúde, e também geralmente há uma escola para tentar viabilizar a continuidade da educação das crianças alojadas. Essas são mantidas por organizações educacionais e o ACNUR busca sempre auxílio da iniciativa privada, pois ainda há uma grande parcela sem acesso às escolas, como aponta Priscila Bellini em matéria

⁸ BRÉVILLE, Benoît. “Um grito sobre Schengen”. **Le Monde Diplomatique**. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/um-grito-sobre-schengen/>. Acesso em: 21/11/2019.

publicada na Revista Superinteressante, intitulada “Como funciona um campo de refugiados”, baseada nos dados do ACNUR e do porta-voz deste no Brasil, Luiz Fernando Godinho.

Os refugiados que chegam à Europa são vistos por parte da população local como usurpadores de políticas sociais, além de intimidar a identidade nacional europeia e estimular o desemprego dos seus cidadãos. Mesmo aqueles com residência permanente sofrem preconceitos e muitos são violentados. A sociedade europeia os colocam como inferiores e os imigrantes vivem às margens, com subempregos e moradias precárias. Muitos, como na Alemanha, precisam se adaptar ao idioma para poderem permanecer, no entanto, dificilmente serão vistos como cidadãos.

Especialmente sobre a realidade dos refugiados sírios na Europa, vale uma referência a um levantamento⁹ produzido pelo ACNUR acerca do perfil dos sírios em situação de refúgio que chegam à Europa pela Grécia em 2016: 85% dos que chegaram na Grécia estavam com suas famílias e previamente eram deslocados internos; 79% possuíam ensino médio completo ou diploma superior; da amostra de 400 sírios e afegãos que entraram na Grécia, cerca de 20% dos sírios eram mulheres acompanhadas de crianças. Ademais, um dos motivos principais para 41% dos sírios viajarem para outras localidades é a falta de empregos coerentes com as suas aptidões, além do receio de serem submetidos ao trabalho escravo e das dificuldades para se manterem – como alimentação e moradia. Esses impasses atrelados ao percurso e as motivações que levam os imigrantes a deixarem os seus países, expostos também ao longo das teorias abordadas de Sayad e Fassin, serão agora trabalhados em cima da veiculação da notícia da morte de Aylan Kurdi e nos impactos causados por ela nas políticas de imigração tanto dentro do espectro francês como no da própria União Europeia, tentando captar também o imaginário da sociedade francesa acerca do tema.

⁹ ACNUR. Agência da ONU para Refugiados. Estudo do ACNUR revela perfil, motivação e necessidades de refugiados sírios e afegãos que chegaram à Grécia em 2016. Disponível em <https://www.acnur.org/portugues/2016/02/23/estudo-do-acnur-revela-perfil-motivacao-e-necessidades-de-refugiados-sirios-e-afegaos-que-chegaram-a-grecia-em-2016/>. Acesso em: 21/11/2019.

CAPÍTULO 2: O retrato (in)visível da jornada de Aylan Kurdi

Este capítulo será dedicado a uma análise da morte de Aylan Kurdi e sua repercussão na sociedade francesa à luz das reportagens do jornal *Le Monde*. O objetivo é pensar a relação entre a dimensão individual e coletiva dessa tragédia, estabelecendo vínculos entre a guerra na Síria, o processo de expulsão de milhões de sírios de seus lugares de origens, as travessias perigosas em busca de novas oportunidades de vida e as mortes que ocorrem nesses percursos. O foco será em um caso específico que nos permite lançar luz sobre toda a situação coletiva da travessia dos refugiados sírios em direção à Europa.

2.1. O conflito sírio pela visão da mídia

O grande fenômeno da imigração em massa de pessoas vulneráveis oriundas da Síria teve início com a onda da Primavera Árabe¹⁰, que impulsionou reações populares contra os governantes do Oriente Médio e do Norte da África e seus regimes autoritários que não enxergavam as necessidades populares. O conflito sírio teve início em 2011 após uma sequência de protestos contra o ditador Bashar al-Assad, que culminou em uma revolta armada poucos meses depois. O governo assume que visa proteger o país da desestabilização causada pelos terroristas (rebeldes) e o povo luta para depor o ditador e instaurar um governo democrático.

A Síria é uma região muito sensível, com minorias religiosas, o que acabou por intensificar ainda mais o conflito, além de posteriormente as intervenções realizadas pela Comunidade Internacional também alavancar a situação síria. Ademais, a guerra na Síria já fez com que milhões de pessoas precisassem deixar o país e mais de 380 mil¹¹ perderam suas vidas para o conflito, segundo o Observatório Sírio para os Direitos Humanos. Em entrevista ao jornal *Le Monde*, a cientista política especializada em Síria, Laura Ruiz de Elvira, reitera que no período em que Assad assumiu o governo do país, os sírios estavam bastante otimistas. O discurso do presidente era direcionado para

¹⁰ A Primavera Árabe foi um levante de protestos e revoluções populares contra os governos do mundo árabe em 2010, estimulados pela revolta frente às crises socioeconômicas e principalmente pelo direcionamento político não voltado para o regime democrático. Ela se iniciou no Norte da África e se espalhou para o Oriente Médio. Um jovem ateou fogo em si mesmo em praça pública na Tunísia para expor a sua indignação acerca das condições de vida no país. O movimento foi também um fenômeno fortemente interseccionado com as redes sociais para a mobilização popular – *cyber* ativismo.

¹¹ Estimativa realizada desde o início do conflito em 2011 até o final de 2019.

reformas, que contemplariam a corrupção e a retomada econômica, no entanto, o governo nunca conseguiu estabelecer um direcionamento factível para concretizar o discurso. Muitos líderes da própria sociedade civil estavam presos em 2001, o que aponta para uma inversão de acontecimentos, criando um desencanto em relação ao governante – tanto da sociedade síria quanto da Comunidade Internacional.

O governo de Bashar al-Assad está no poder desde 2000, anteriormente quem governava o país era o seu pai, Hafez al-Assad, que presidiu o país desde 1970. A situação econômica na Síria foi se deteriorando e, motivados pela onda revolucionária que atingiu o Oriente Médio, os sírios foram às ruas em Deera e Damasco, reivindicando melhorias sociais – como empregos, instituições adeptas ao pluripartidarismo e democracia, principalmente. Esse protesto foi realizado de maneira pacífica. No entanto, as forças de al-Assad reprimiram os protestos fazendo com que a indignação tomasse conta de outras regiões do país. Com isso, grupos manifestantes se juntaram aos desertados do exército, formando oposição ao governo – denominados de ELS (Exército Livre da Síria), sem nenhum vínculo religioso. Eles são comumente chamados de “rebeldes” e atuavam contra a violência do governo e do exército sírio frente à situação das tropas de Bashar al-Assad, que revidaram com mais violência, instaurando um conflito civil-armado.

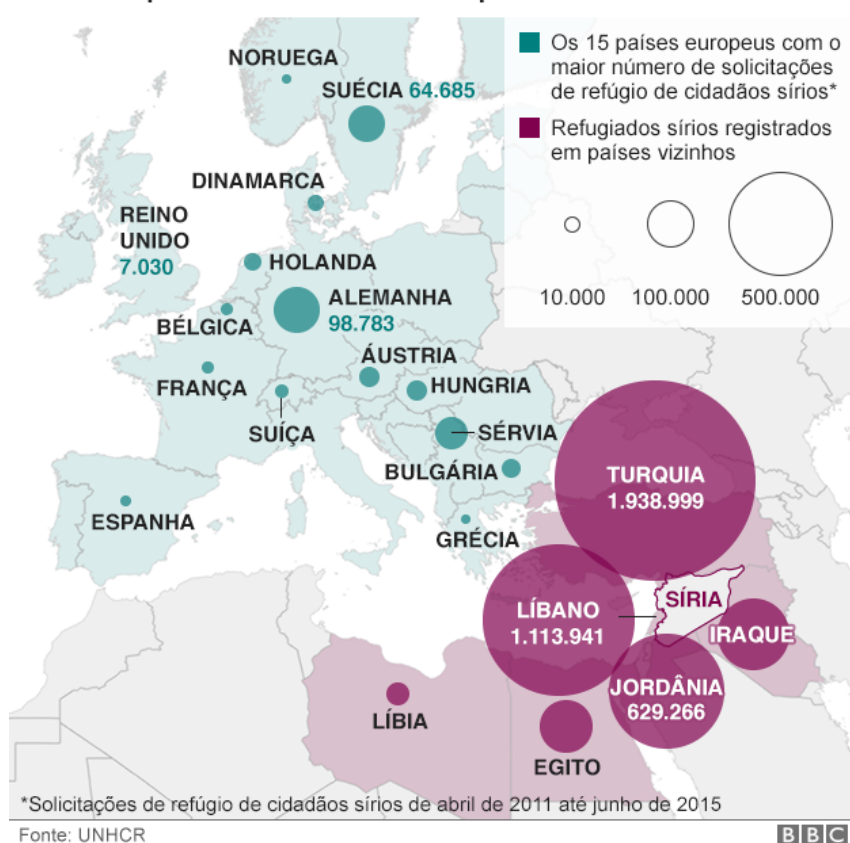
Com os desdobramentos da guerra, outros grupos começaram a surgir, sendo eles de cunho religioso da ala sunita com tendência extremista – os sunitas são a maioria dos muçulmanos e acreditam nas tradições do legado de Maomé, também em oposição ao governo, mas contra o ELS. Em 2014, o Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIS) começou a invadir territórios sírios, criando seus califados – regiões nas quais a *sharia*¹² era imposta como lei –, piorando ainda mais a situação do país e fazendo com que, nesse ano, o número de refugiados chegasse a 3 milhões, segundo a ONU. O conflito foi tomando proporções destrutivas com intensos bombardeios e um descompasso entre forças bélicas, além de associar a política e a democracia com a religião.

Com os desdobramentos do conflito, a Comunidade Internacional viu a necessidade de agir para tentar minimizar os efeitos sociais. No entanto, criou-se um embate interno, pois a Rússia junto ao Irã se posicionou ao lado de Bashar al-Assad e os

¹² A *sharia* é o conjunto de leis islâmicas ligadas ao Alcorão e à Suna, que são os guias da sociedade islã, ambos pautados nas palavras e ensinamentos de Maomé. Nas sociedades muçulmanas não há a separação entre Direito e Religião.

Estados Unidos ao lado dos rebeldes, sendo acompanhado posteriormente pela França, Alemanha e Reino Unido – respondendo como União Europeia. Ambos os lados entraram no conflito, inicialmente, para barrar o avanço do Estado Islâmico, todavia, em alguns momentos, participaram ativamente promovendo bombardeios e abastecendo os mantimentos militares, tanto do governo quanto dos rebeldes. Houve inúmeras tentativas de cessar-fogo mediadas pela ONU para que as equipes de ajuda humanitária pudessem resgatar os civis, além de trazer comida e remédios, só que a crise se alastrou para fora da Síria. Atualmente, milhões de sírios deixaram o país e estão ao longo de suas fronteiras. Até 2015, a Turquia foi o país que recebeu mais pessoas em situação de refúgio oriundas do conflito no Oriente Médio, e a Alemanha foi o país europeu que mais acolheu os refugiados naquele período, como mostra o mapa abaixo, publicado pelo G1 no mesmo ano citado.

Sírios em países vizinhos e na Europa



Sírios em países vizinhos e na Europa. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/os-paises-que-mais-recebem-refugiados-sirios.html>. Acesso em: 05/12/2019.

A ONU junto ao ACNUR e as demais organizações internacionais tentam prover o mínimo para auxiliar os refugiados. Ao longo da fronteira da Síria foram construídos campos para abrigá-los – como o Zaatari – e prover segurança, comida e água. Porém,

em decorrência do intenso fluxo, esses lugares – que são quase como cidades – estão superlotados, dificultando ainda mais as suas condições. Michel Agier, em um artigo publicado em 03 de maio de 2017 no *Le Monde Diplomatique*, intitulado “A fábrica de indesejados”¹³, explana a questão dos campos de refugiados pontuando que são lugares “extraterritoriais e excludentes” e que os que lá habitam ficam às margens de um Estado em espaços não mapeados. Agier ressalta que a desigualdade é imposta a partir do momento que o indivíduo não está apto para se integrar à nova sociedade, assim se restringindo aos campos de permanência, sendo uma “dupla exclusão política e territorial”.

Ambos os jornais postularam duras críticas à extensão do conflito, que acabou por atingir os países vizinhos e a Europa, tendo o governo de Bashar al-Assad como pilar das dificuldades geradas para as equipes de ajuda humanitária da ONU e das ONGs internacionais, além de instigar o conflito armado ceifando a vida de civis inocentes. É fundamental reforçar que, pela visão dos jornais, a União Europeia e os Estados Unidos, via Conselho de Segurança da ONU, deveriam ter se prontificado a uma rápida resposta para essa crise humanitária sem precedentes. A Europa, como eixo de recepção, demorou para levar a discussão para o Conselho para que se tomassem as medidas cabíveis, as quais não foram o suficiente para abarcar o fluxo de imigrantes. Precisamente sobre o caso francês, a opinião do jornal gira em torno da falta de comprometimento do governo em tornar o processo legal mais acessível para o acolhimento dos refugiados.

Presos em um sistema de asilo sem fôlego, os exilados sírios estão decepcionados com as boas vindas da França. Para eles, prazos e procedimentos parecem se arrastar, mesmo que o Ofpra se comprometa a tratar seus pedidos com prioridade. Durante vários meses, eles dependem da desenvoltura comunitária e associativa, bem como de um subsídio de 11,35 euros por dia, caso tenham pedido asilo. (tradução livre)¹⁴

¹³ AGIR, Michel. La fabrique des indésirables. **Le Monde**. Disponível em: <https://www.monde-diplomatique.fr/2017/05/AGIER/57491>. Acesso em: 11/08/2020.

¹⁴ “Pris dans un système d'asile essoufflé, les Syriens exilés sont déçus par l'accueil de la France. Délais et démarches leur semblent s'éterniser, même si l'Ofpra s'est engagé à traiter leurs demandes en priorité. Pendant plusieurs mois, ils dépendent d'une débrouille communautaire et associative ainsi que d'une allocation de 11,35 euros par jour s'ils ont demandé l'asile”. in MIGNOT, Elisa. Les pieds en France, la tête à Damas. **Le Monde**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/a-la-une/article/2014/02/27/les-pieds-en-france-la-tete-a-damas_4374147_3208.html. Acesso em: 21/09/2020.

As situações extremas pelas quais os refugiados são expostos diariamente de maneira desumana marcam as experiências subjetivas desses sujeitos em deslocamentos forçados e alguns casos individuais alcançam grande repercussão midiática. As narrativas jornalísticas costumam, por um lado, deter-se em acontecimentos coletivos, em discursos governamentais e em números de refugiados, mas, por outro lado, também priorizam as histórias pessoais e familiares de algumas dessas pessoas em situação de refúgio como símbolos de uma situação coletiva, o que geralmente gera uma sensibilidade e uma forma de reconhecimento da dor do outro em muitos leitores dos jornais. A breve história de Aylan Kurdi será contada em seguida como um exemplo desse mecanismo de produção da notícia em que o relato pessoal simboliza o drama coletivo.

2.2. A trajetória da família Kurdi e a travessia do Mar Egeu

No dia 2 de setembro de 2015, o menino de 3 anos, Aylan Kurdi, foi encontrado morto em uma praia de Bodrum, na Turquia, em decorrência de afogamento. Ele vinha junto a sua família – pais e irmão mais velho – para a ilha de Kos, na Grécia, visando adentrar à Europa. Aylan nasceu em Kobanî, na Síria, território majoritariamente ocupado pelos curdos no Norte de Aleppo, que faz fronteira com a Turquia. A sua família vivia em Damasco até o conflito sírio atingir a cidade, com isso eles foram para Aleppo, que posteriormente também foi atingida e se tornou um dos lugares mais atingidos por bombardeios, levando a família a se deslocar novamente para Kobanî. O ISIS começou a dominar territórios em direção à Kobanî, o que culminou em um deslocamento em massa da população síria que estava próxima à fronteira com a Turquia. A família Kurdi fez essa travessia a pé junto aos milhares de sírios que buscavam paz e recomeço e, após três anos, eles tentaram retornar com a notícia que os curdos conseguiram reestabelecer o controle na região, voltando para Kobanî.

Os Kurdi optaram pela travessia do Mar Egeu para chegarem ao seu destino, todavia ao tentarem asilo no Canadá para se juntarem aos demais membros de sua família, foram negados. Com isso, ao chegarem em Bodrum, localizada no sudoeste da Turquia com acesso ao Mar Egeu, eles pagaram e organizaram por duas vezes a travessia com um grupo que cobra financeiramente dos migrantes para ajudar na travessia clandestina. Entretanto, em ambas ela não ocorreu. Dado isso, eles se juntaram aos demais refugiados que queriam partir para a Europa e foram em um bote inflável,

segundo relatos de Abdullah Kurdi – pai de Aylan Kurdi e único sobrevivente da família Kurdi. Ao deixarem a praia, o bote começou a inundar e afundar. Abdullah disse ter segurado sua esposa, só que seus filhos escorregaram de suas mãos. O relato de Abdullah Kurdi demonstra as dificuldades ao longo do caminho que as pessoas em situação de refúgio convivem, arriscando-se para buscar um novo lugar para criarem seus filhos em segurança e terem a oportunidade de um emprego para sustentar a família.

O caminho pelo mar Egeu para chegar até a Europa – Grécia mais precisamente –, é o mais utilizado saindo do Oriente Médio. No entanto, é o mais perigoso. As travessias são realizadas em botes infláveis de borracha precários e superlotados, nem todos usam coletes salva-vidas. Ademais, essas travessias são realizadas de madrugada por grupos clandestinos e a passagem custa cerca de 900 até 1200 euros por pessoa. Muitos perdem suas vidas ao longo do percurso por causa de naufrágios ou afogamentos, há também os que são resgatados pelas Guardas Costeiras, tanto da Turquia quanto da Grécia. Há uma parcela que opta por ir nadando pela falta de dinheiro, o trajeto tem em média 5 quilômetros de distância – como mostra o mapa abaixo, publicado pelo jornal Folha de SP. Da ilha de Kos os refugiados necessitam ser cadastrados pelo Frontex – os agentes de fronteira da União Europeia – e de lá pegar um *ferry boat* para Atenas, chegando ao continente Europeu e seguindo para os seus destinos finais. No entanto, a jornada não é simples, o alto número de pessoas que chega diariamente faz com que não seja possível cadastrá-los rapidamente. Muitos esperam dias por isso sem comida e dinheiro, dependendo exclusivamente de doações de moradores locais. A falta de dinheiro faz também com que muitos precisem ficar em Kos para juntar dinheiro para comprar as passagens seguintes. O governo grego, até 2016, não dispunha de infraestrutura para acomodar as pessoas em situação de refúgio e a comunidade da região era contra a instalação de um campo de refugiados pelo ACNUR. O argumento maior era o prejuízo causado ao comércio local, tendo em vista que se trata de uma ilha turística e a construção do campo poderia incentivá-los a virem para a ilha.

CRISE MIGRATÓRIA

Conheça as principais rotas usadas pelos estrangeiros na Europa



Crise migratória. Disponível em: <https://f.i.uol.com.br/folha/mundo/images/15239312.png>. Acesso em: 20/02/2020.

Essa breve narrativa sobre a trajetória e travessia da família Kurdi pelo Mar Egeu somente se tornou conhecida e reproduzida por diversos meios de comunicação no mundo inteiro nos dias posteriores à morte de Aylan Kurdi, expressando as ideias de Bourdieu que circundam o mecanismo de circulação da informação jornalística. Para ele, o que a mídia veicula passa por uma “aprovação” do público e, a partir disso, a história ganha notoriedade, culminando na responsabilidade midiática de ditar o que pode ser relevante ou não, atuando basicamente como um monopólio. As informações estão subordinadas à demanda, sendo uma maneira da sociedade pautar as suas problemáticas. Essa competitividade abre espaço para o sensacionalismo em cima dos objetos da matéria, fato a que o caso de Aylan Kurdi estava sujeito, por se tratar de um assunto que gera comoção e aponta falhas da comunidade internacional.

Assim sendo, em entrevista, o pai de Aylan Kurdi, Abdullah Kurdi, fez um triste relato ao jornal turco Dogan contando os fatos supracitados e o *Le Monde* publicou uma matéria no dia 04 de setembro de 2015, embasada nos fatos expostos pela imprensa da Turquia. Em um dos primeiros parágrafos do artigo, o jornal francês lamenta repassar uma notícia desse teor e enfatiza com pesar a frequência desses acontecimentos, que

diante da crise na Síria se tornam “banais”. É politicamente lamentável veicular uma notícia com este teor, pois aponta a incapacidade de resolução do conflito e a falta de ação da comunidade internacional. O termo “banal”, portanto, corrobora com as demais notícias acerca da cobertura da guerra na Síria, uma imprensa desgastada em repassar notícias devastadoras.

A foto do filho mais novo, cujo corpo foi levado pela água ao mar em uma praia nos arredores de Bodrum, na Turquia, deu a volta ao mundo. Mas é uma história tristemente comum após quatro anos de guerra, que a imagem revelou: a de uma família síria, primeiro jogada pelo interior do país, depois forçada ao exílio na Turquia, que tinha tentado voltar para casa antes de finalmente pegar a estrada para a Europa, na esperança de ingressar no Canadá. (tradução livre)¹⁵

A repercussão dessa história começou pela morte do garoto e pela foto estampada nos jornais impressos e televisivos em diferentes países, acabando por causar uma comoção generalizada por se tratar de um menino de 3 anos que perdeu a sua vida, sendo mais uma das vítimas desse conflito armado.

2.3. A repercussão imagética da morte de Aylan Kurdi

Na manhã seguinte da morte de Aylan Kurdi, jornais do mundo todo estamparam suas capas com a foto do pequeno menino deitado na praia. Houve uma comoção mundial e uma onda de questionamentos sobre uma criança sendo vítima da desumanidade da Comunidade Internacional. A imagem foi fotografada pela turca Nilüfer Demir, da agência Dogan, e disseminada pela Reuters Ankara no próprio dia 2 de setembro de 2015. Naquele momento, civis e governantes tiveram compaixão para com a situação dos refugiados mundo afora. A foto pode ter sido um divisor de águas – que obviamente não resolveu a questão –, mas veio como uma reflexão do papel daqueles que têm o poder de acolher e das próprias comunidades locais que são relutantes à entrada de pessoas em situação de refúgio. Como coloca Fassin (2015), o sentimento passageiro reforça a condição do indivíduo em situação de refúgio, ele não será tratado como cidadão, as condolências não perdurarão, pois logo a notícia cairá no esquecimento. Os passos seguintes da sociedade serão, portanto, retomados à normalidade, mantendo a opressão social do grupo. O que ocorre é uma comoção seletiva, já que quase que diariamente os jornais veiculam notícias sobre os êxodos em

¹⁵“La tragédie de la famille Kurdi”. **Le Monde**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/europe/article/2015/09/04/la-tragedie-de-la-famille-kurdi_4745832_3214.html. Acesso em: 17/09/2020.

massa, as dificuldades e até mesmo os que não resistiram à dura jornada da imigração. As redes sociais viralizaram a imagem em pouco tempo, antes mesmo de adentrar às capas dos principais jornais do mundo, incluindo o *Le Monde*.



Fotografia de Aylan Kurdi na praia. Disponível em:
https://www.lemonde.fr/europe/article/2015/09/04/refugies-une-photo-pour-ouvrir-les-yeux_4744650_3214.html. Acesso em: 20/02/2020.

A redação do jornal *Le Monde* publicou a manchete “La photo d'un enfant mort sur une plage turque à la ‘une’ de la presse européenne” (Foto de uma criança morta em uma praia da Turquia nas primeiras páginas da imprensa europeia – tradução livre) às 2h33min da manhã do dia 3 de setembro de 2015. A notícia explicitava a presença da foto em jornais como *The Guardian*, *The Independent*, *The New York Times*, *El País*, *La Repubblica* e até mesmo o jornal de tabloides *The Sun*. Ao longo da notícia, foram feitos diversos questionamentos sobre a inação da União Europeia em relação aos refugiados e também sobre a veiculação da imagem do menino. Muitos criticaram por ser uma foto forte e explícita. No dia seguinte, 4 de setembro, o *Le Monde* esclareceu por meio de um editorial¹⁶ que o jornal já havia utilizado imagens semelhantes quando houve o ataque de armas químicas promovido por Bashar al-Assad, explicitando, assim,

¹⁶FENOGLIO, Jérôme: Réfugiés: une photo pour ouvrir les yeux. *Le Monde*. Disponível em: https://www.lemonde.fr/europe/article/2015/09/04/refugies-une-photo-pour-ouvrir-les-yeux_4744650_3214.html. Acesso em: 17/09/2020.

que não é um jornal sensacionalista ou voyeurístico, mas tem a função de transmitir os fatos, por mais duros que eles possam ser. O jornal explicitou a sua responsabilidade social e viu nela uma chance de conscientização da população, pois a realidade dos refugiados na França já era presente e a reação da população francesa e de seus governantes não era favorável.

As imagens são fortes, porém possibilitam um poder de imersão no seu contexto. Uma simples manchete, independente de seu conteúdo, triste ou não, pode passar despercebida ou ser facilmente esquecida. Quando atrelada às imagens, a tendência é de relacionar a emoções, reconhecendo, portanto, que a foto produz e é resultado de um discurso. Aylan Kurdi deu nome e personificou uma crise humanitária. Por mais que tenha sido passageiro o seu *boom*, influenciou toda uma sequência de ações, sejam elas da sociedade civil sejam dos próprios governantes e até da União Europeia, além de interferir na própria cobertura midiática da crise dos refugiados.

Norval Baitello Junior, em sua obra “*A era da iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura*” (2014), associa a divulgação intensa de imagens pela mídia à antropofagia. Para ele, o indivíduo consome imagens e esse consumo as alimenta: é uma via de mão dupla, e isso interfere nas reações do leitor. Imagens como a de Aylan Kurdi morto na praia deslumbram olhares pelo pesar do contexto, em que cada elemento exposto dialoga com o discurso humanitário. Na cena, o menino está deitado em posição angelical quando é recolhido pelo guarda. Entretanto, a ampla disseminação aos olhos populares inicia um processo de perda de condição de apelo, fazendo com que a reprodução seja ainda mais intensa com a expectativa de captar novamente o sentimento inicial de indignação.

O autor aborda também a questão do eco. A ampla disseminação faz com que a imagem atinja seus principais consumidores, porém, ela também exacerba as demais facetas do retrato, já que proporcionam diversas interpretações aos modos de quem a vê, correlacionando ao contexto social, político e histórico, diferente de um texto corrido que se torna mais restrito nesse quesito. O advento das redes sociais foi um facilitador do contato com imagens. Atualmente, as Agências Internacionais e os próprios jornais divulgam suas manchetes, quase sempre acompanhadas de imagens nas redes sociais, multiplicando o alcance delas. Os jornais impressos perderam um espaço considerável na sociedade consumidora, tendo em vista que os aplicativos de celular e os jornais online tomaram esse nicho, além das divulgações em redes como *Facebook* e *Instagram*.

As fotos veiculadas de Aylan Kurdi são como imagens-despertadores, as quais retomam conhecimentos prévios e provocam identificação:

(...) o processo de *priming* diz respeito a um conjunto de processos de ativação de associações na mente do receptor da informação, dos quais procuramos isolar o momento que classificamos de imagem-despertador, que se destaca pela sua intensidade e pela sua capacidade disruptiva. E é a forma como estes processos são ativados, mediante determinados conteúdos, que vai determinar as referidas avaliações do público ou do receptor da informação. (MANGANA, 2018)¹⁷

Alloa (2010), por sua vez, pontua que a produção de fotos na atualidade é massificada e não restrita às ocasiões especiais, o que retoma o caráter banal. O registro de imagens foi unido ao acontecimento prévio. As fotos documentam os fatos, não há mais como desassociá-los. O autor faz uma alusão ao “penso, logo existo”, de Descartes, sendo repaginado para os tempos atuais para o “fotografo, logo existo”. A imagem passou a ser um ponto forte na cultura das diversas sociedades, ela já é intrínseca ao meio social, sendo um novo fenômeno da modernidade. A foto de Aylan Kurdi se tornou um fenômeno naquele contexto e evidenciou de forma triste uma realidade tratada no âmbito midiático, dada a frequência das ocorrências e a maneira como é subestimada pelas cúpulas governantes, que não chegam a um consenso para agir no cerne da problemática.

O *Le Monde* seguiu durante o dia 3 de setembro com diversas publicações que mencionavam o menino, criticando a inação dos governos frente à situação que vem ocorrendo há tempos e sem essa ampla comoção. No editorial do jornal há uma reflexão crítica sobre a foto do garoto morto e, ao mesmo tempo, uma justificativa para a sua publicação. Para o jornal, a foto, de qualquer maneira, merece a repercussão, é difícil aceitar que uma criança perca a sua vida porque busca paz e um lugar seguro para crescer junto à sua família. No entanto, é importante mencionar que, até a presente data de sua morte, mais de milhares já haviam morrido, porém sem um nome ou figura, tornando-se apenas estatística, culminando no processo de “impessoalização” que reflete na inabilidade dos números em gerar sensibilidade, tendo em vista que são padrões lógicos e exatos e não expressam comoção pela vida perdida. O editorial

¹⁷MANGANA, Rafael. "Aylan Kurdi como imagem-despertador da crise dos refugiados: o enquadramento da imprensa ibérica". *Estudos em Comunicação*. v. 2, n26, 2018.

supracitado chama a atenção da própria União Europeia, ressaltando que não era mais momento para “angelismo” ou “lição de moral” sobre os reflexos da crise econômica de 2008. Assume-se a dificuldade de controle e de amparo diante de um fluxo intenso e contínuo, porém seria uma ação necessária que até então não havia sido tomada de forma consistente e ampla.

As políticas migratórias da França vieram sofrendo ataques devido à ascensão da extrema direita, principalmente com a Marine Le Pen. Seu discurso culpa os imigrantes pelos problemas estruturais e socioeconômicos enfrentados pela França, além da clássica fala de que eles “roubam” os empregos dos cidadãos. Retomando Sayad (1998), a visão acerca do imigrante é centrada no trabalho que até em discursos políticos isso aparece, vai além de uma percepção individual de suspensão de provisoriedade. A sociedade também os valida como imigrantes quando eles possuem trabalhos. Por ser uma peça móvel do “quebra-cabeça” social, a sua presença é constantemente contestada, porém ignoram a sua “utilidade” em tempos normais. Há estudos que apontam que a Europa demoraria mais tempo para se reerguer sem a mão de obra imigrante, e nos discursos políticos o imigrante é visto como um “custo” que retarda o crescimento socioeconômico no país. O próprio editorial retomou o histórico de imigrações na França, que desde 1920 vive a imigração. Na época, cerca de 140.000 armênios adentraram o território francês durante a diáspora. Naquele período, a França tinha 37 milhões de habitantes, portanto seria como se 0,37% da população dobrasse rapidamente.

No dia seguinte, pela manhã (4 de setembro) às 9h41min, publicou-se que François Hollande e Angela Merkel decidiram, juntos, por meio de uma carta conjunta, incorporar novas cotas para acolher os refugiados, defendendo o Acordo de Schengen. Tal proposta estava em aberto desde agosto em meio às discussões acerca da crise de refugiados que estava adentrando o território europeu. Essa atitude colocou a França e a Alemanha contra os demais países europeus que eram contra a entrada e acolhimento de refugiados. Essas cotas nada mais eram do que a realocação dos imigrantes pelo território europeu para facilitar o acesso às políticas públicas de auxílio sem sobrecarregar os Estados:

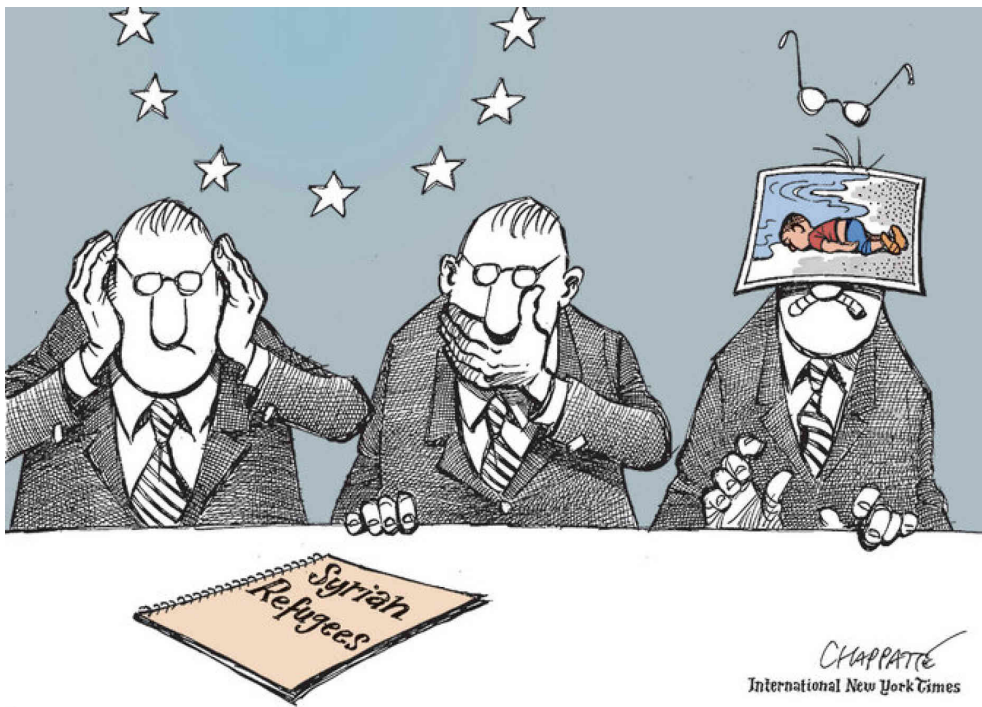
Ao invocar "a responsabilidade de cada Estado-Membro e a solidariedade de todos", que eles chamam na carta de implementar "completa e imediatamente" esquemas recentes adaptados pela União Europeia, tais como a criação de "*hot spots*" de centros onde os migrantes econômicos e os requerentes de asilo se distinguem

quando chegam na Grécia e na Itália, que os dois líderes desejam "estar plenamente operando o mais tardar antes do final do ano". Eles pedem à Comissão que "use todos os meios à sua disposição" para forçar os Estados a respeitar as regras do direito de asilo, tanto no que diz respeito à análise de arquivos quanto ao alojamento, e proponham "a longo prazo um sistema europeu unificado de asilo" (D'ALLONS, DUCOURTIEUX, LEMAÎTRE, STROOBANTS, 2015).¹⁸

É importante ressaltar que o governo francês era amplamente contra as cotas de distribuição em seu território. Na carta, essa ação seria aplicada exclusivamente para os refugiados; os imigrantes que chegassem por quaisquer outras razões não necessariamente iriam dispor de tais políticas. No âmbito interno, Hollande obteve apoio dos demais estados, apesar de os partidos de direita e extrema direita criticarem a mudança de opinião. Nicolas Sarkozy, ex-presidente francês que na época era chefe do Les Républicains – partido conservador da França –, defendeu durante uma entrevista ao *Le Figaro* que a União Europeia deveria adotar políticas migratórias em comum, principalmente em razão do Acordo de Schengen. Tais discussões estavam em curso nos fóruns da União Europeia, porém sem resultados. A opinião popular começou a tomar outros rumos, tendendo à aceitação da entrada de requerentes de asilo. Toda essa transmutação de políticas e opinião pública se deram em um curto espaço de tempo e notavelmente durante a disseminação incessante da história de Aylan Kurdi. Em cerca de 72h, dois líderes de suma importância mudaram as suas políticas, incluindo a Alemanha, que já vinha recebendo o maior número de refugiados na Europa. A ONU junto à ACNUR também fez um apelo para que a Europa recebesse 200 mil refugiados, reiterando que a situação não se restringia a um fenômeno isolado e, sim, a uma crise de refugiados.

No mesmo dia, o *Le Monde* também publicou uma matéria com um compilado de homenagens ao menino Aylan, diversos desenhos de cartunistas agradecendo a ajuda na mudança da consciência coletiva de parte das pessoas e dos governantes e lamentando que uma criança de 3 anos precisou perder sua vida para mostrar uma dura realidade que perdurava há tempos. Algumas das ilustrações e charges, inclusive, acusavam a União Europeia de descaso e de segregação, como pode-se observar abaixo:

¹⁸ François Hollande rejoint Angela Merkel sur les quotas d'accueil de réfugiés. **Le Monde**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/europe/article/2015/09/04/francois-hollande-rejoint-angela-merkel-sur-les-quotas-d-accueil-de-refugies_4745821_3214.html. Acesso em: 11/05/2020.





Charges relativas à morte de Aylan Kurdi. Disponível em:
https://www.lemonde.fr/europe/portfolio/2015/09/04/l-hommage-a-aylan-kurdi-en-dessins_4745938_3214.html. Acesso em: 20/02/2020.

No dia 6 de setembro, o *Le Monde* justificou novamente a escolha de postar a foto de uma criança morta após algumas críticas repassadas pela equipe responsável pelas redes sociais. Muitos comentários expunham que a imagem mórbida de um menino na praia era muito forte e, para alguns, desnecessária. No *Facebook* o *post* com a notícia recebeu inúmeras denúncias de “conteúdo inadequado”. O jornal esclareceu que, ao longo da crise de refugiados, recebeu diversas imagens retratando morte e sofrimento que foram deixadas internamente, pois não sentiam a necessidade de expor a realidade de forma tão explícita. No entanto, a foto de Aylan Kurdi viralizou antes mesmo de ser publicada pelos jornais europeus. Dessa maneira, o *Le Monde* reafirmou que sentiu uma responsabilidade social em transmitir tal fato e denunciar o que acontecia nos “portões” da Europa. Segundo o jornal, a mídia tem um papel fundamental na transmissão da informação. Embora a foto seja vista como chocante, ela afronta a obscuridade da imigração, já que a própria sociedade ocidental opta por deixar os imigrantes muitas vezes invisíveis. Nem todos reconhecem a suas dificuldades e muitos colocam a sua cultura e o seu bem-estar acima do direito à vida, seja pela falta de informação seja por ideologia. Mas, conforme o *Le Monde*, a partir de então é

notável que a morte de Aylan Kurdi foi um divisor de águas nas políticas de imigração e até mesmo na percepção social acerca da problemática. A intensa cobertura acerca da morte do menino demonstra a indignação da sociedade francesa e mundial diante desse acontecimento trágico.

No dia 9 de setembro, o *Le Monde* publicou uma reportagem sobre o fluxo de imigrantes tentando atravessar o Mar Egeu após a morte de Aylan Kurdi. Sem dizer o motivo especificamente, afirmaram que o número de barcos que partiam durante as madrugadas diminuiu desde o dia 2 de setembro. Ao longo da reportagem, há diversos relatos de pessoas em situação de refúgio dizendo que precisam chegar até a Europa e não têm medo de realizar a travessia, mesmo sabendo do ocorrido com o menino. O número extenso de refugiados em Bodrum aponta que, apesar de ter diminuído, por impacto psicológico ou até pelo maior rigor fiscal que assombra os agenciadores de travessias clandestinas, o fluxo diário seria retomado em breve. Muitos ainda pairavam pelas ruas em busca de abrigos e comida, aguardando o chamado de suas partidas para então seguirem em busca de um recomeço.

Dados os fatos expostos, a análise do período anterior à morte de Aylan Kurdi se faz necessária para que se possa compreender quais são os interesses das autoridades francesas em relação às políticas migratórias e também conhecer o histórico dessas políticas para ver se o caso de Aylan Kurdi gerou uma ruptura de ideais políticos. No próximo capítulo, será contemplada a sequência de políticas voltadas para a imigração desde os anos 2000, durante o governo de Jacques Chirac, até fevereiro de 2016, cinco meses após a morte da criança.

CAPÍTULO 3: Histórico das políticas acerca da imigração na França

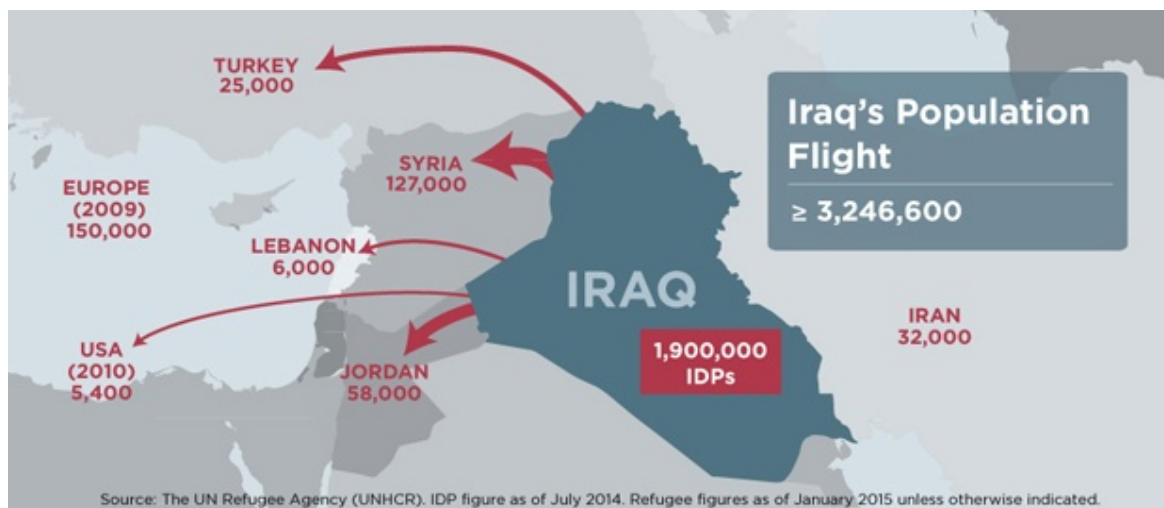
3.1. O debate sobre as políticas imigratórias no início do século XXI na França

A morte de Aylan Kurdi acendeu uma reflexão nos franceses, que vinham convivendo com debates acerca das políticas imigratórias desde o final do século XX. O *Le Monde* fez uma matéria em 2002 seguindo a cronologia da evolução do debate sobre imigração, traçando pontualmente as manifestações públicas e as aquisições de direitos. No mesmo ano, o Conselho de Justiça e Assuntos Internos da União Europeia discutiu e aprovou uma cartilha para combater o tráfico de pessoas e a imigração ilegal. Os anos 2000 contemplaram a escalada francesa e europeia pelas políticas de imigração. Nicolas Sarkozy, antes de se tornar presidente em 2007, atuou como Ministro do Interior no governo de Jacques Chirac (1995-2007) e fez parte de diversas decisões sobre a temática. No entanto, é notável que a problemática central é relacionada com a imigração ilegal, que ele colocou como delicada do jeito que estava ocorrendo, mas reiterou que não era a favor da imigração zero¹⁹ – política proposta para interromper o fluxo imigratório em decorrência da extrema seletividade –, mas necessitava de ajustes para regulamentá-la.

Pouco se veem, a partir da década de 2000, discussões sobre concessão de asilo – sendo elas frequentemente sobre a situação em Sangatte²⁰. Entende-se que não era o principal problema na época por conta do momento político global. A guerra do Iraque (2003) foi a principal tensão do momento, envolvendo conjuntamente os Estados Unidos e a sua coalização contra a denominada “guerra ao terror”. Todavia, a maioria das pessoas que fugiu do país e se encontrava como em situação de refúgio foi em direção à Síria e à Jordânia, um número muito pequeno saiu do Oriente Médio, como se observa no mapa da ACNUR abaixo.

¹⁹ A política de imigração zero consiste em medidas rígidas que dificultam ao extremo a entrada de imigrantes em um território. É uma política comumente apoiada pela ala direitista conservadora que visa manter seus costumes imutáveis. E como exposto, Nicolas Sarkozy se colocou contra as medidas que seguiam esses ideais.

²⁰ Calais foi um campo de refugiados situado na cidade de Sangatte – e posteriormente ao redor do Porto de Calais, que abrigou diversas pessoas em situação de refúgio advindas principalmente do Reino Unido ou que estavam tentando chegar lá pelo canal da Mancha, escondendo-se em carros e caminhões. Os que vinham do Reino Unido geralmente tentavam asilo na França para conseguirem trabalhar. O campo foi desativado somente em 2016.



Mapa ACNUR. Agência da ONU para Refugiados. Iraq's population flight. Disponível em: The UN Refugee Agency (UNHCR), disponível em: <https://watson.brown.edu/costsofwar/costs/human/refugees>. Acesso em: 12/03/2020.

Sarkozy participou das discussões na União Europeia sobre a criação de uma polícia de fronteira para conter o avanço da imigração ilegal. Em dezembro de 2002, por grande pressão do Reino Unido, o Ministro decretou o fechamento de Calais, tempos antes do previsto, mas concedeu permissões para trabalho para os 300 refugiados que permaneceram em território francês. O campo de Calais não era interessante para o Reino Unido, pois facilitava a entrada de imigrantes ilegais em seu território. A sua localização era estratégica, sendo próxima ao Eurotúnel. A situação de Calais expôs a dificuldade francesa de lidar com a política de imigração, o que fez com que o campo se tornasse a maior favela da Europa, criando uma onda de insegurança – sendo esse o principal temor causado pela denominada imigração ilegal. Vale ressaltar que o termo “favela” foi utilizado pelo próprio *Le Monde* ao se referir ao campo de Calais, o que pode significar uma forma de denúncia de uma situação de desigualdade social e miséria própria do “terceiro mundo” no território francês. Trata-se de um termo que pode conter um sentido pejorativo e está atrelado à situação urbana e desigual do Brasil. Nesse caso, tratam-se de comunidades de cidadãos de baixa renda com infraestrutura precária em termos de moradia e serviços de saneamento e com dificuldades de acesso aos serviços básicos, sendo geralmente relacionadas à criminalidade nas crônicas policiais e jornalísticas. A utilização do termo para se referir a um campo de refugiados pode estar associada à estrutura física precária que abrigava os imigrantes, uma realidade muito aquém da imaginada pelo jornal para os cidadãos europeus. Calais não fazia parte do cotidiano francês, podendo significar, portanto, a chegada de uma realidade típica de um país subdesenvolvido no território fronteiriço da França.

Fassin pontuou em “Compaixão e Repressão: A Economia Moral das Políticas de Imigração na França” que Calais se tornou uma forma do governo francês “pregar” o discurso de ajuda humanitária e, ao mesmo tempo, de isentar de ações, pois a localização estratégica do campo fazia com que os refugiados ali presentes tentassem entrar no Reino Unido pelo canal. Então, dos 50 mil que passaram por ali nos dois primeiros anos de funcionamento do local, apenas 350 solicitaram asilo ao governo francês. Logo, a principal questão para a França, segundo o autor, era evitar a imigração ilegal. Esse campo era visto como um lugar de passagem pelas autoridades, até que o Reino Unido propôs uma união entre as polícias para fiscalizar a linha de trem que ligava a França ao Reino Unido. Fassin cita o autor Giorgio Agamben, que faz uma boa alusão à Calais, já que o campo é visto como uma ameaça às duas Nações que circundam sua fronteira e os imigrantes ali afetam o ordenamento regional, causando inquietações principalmente acerca da segurança, confrontando a soberania de cada país e também a responsabilidade desses: “se os refugiados representam, no ordenamento do Estado-nação moderno, um elemento tão inquietante, é antes de tudo porque, rompendo com a continuidade entre homem e cidadão, entre nascimento e nacionalidade, eles põem em crise a ficção originária da soberania moderna”²¹.

O sociólogo Smaïn Laacher²², professor da Universidade de Strasbourg e estudioso de fronteiras e mobilidades, além de ser diretor do Centro Europeu de Pesquisas sobre Construções, Mobilidade e Fronteiras, em matéria do *Le Monde* sobre Calais (2002), aponta que os refugiados que lá estavam não sabiam os seus destinos finais, passaram invisivelmente por diversos países e ninguém os notou. A invisibilidade dos imigrantes retoma os pensamentos de Sayad, quando diz que os imigrantes são vistos como mão de obra transitória: quando param de trabalhar, seria como se parassem de existir para aquela sociedade de trânsito ou destino. Quando Laacher aponta que muitos atravessaram inúmeros países e não chamaram a atenção dos líderes políticos ou autoridades, ele corrobora com a teoria de Sayad, na qual a figura do

²¹ FASSIN, Didier. Compaixão e Repressão: A Economia Moral das Políticas de Imigração na França. **Ponto Urbe**. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/2467>. Acesso em: 15/08/2020.

²² O sociólogo do Centro de Estudos dos Movimentos Sociais (CNS-EHESS) foi responsável por realizar um inquérito acerca dos refugiados que passaram por Calais entre 2001 e 2002. A sua opinião foi publicada na matéria do *Le Monde* em 23 de maio de 2002, situada na referência: “M. Sarkozy: ‘Il faut porter le fer dans les zones de non-droit’”. **Le Monde**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/archives/article/2002/05/31/m-sarkozy-il-faut-porter-le-fer-dans-les-zones-de-non-droit_4234324_1819218.html Acesso em: 15/08/2020.

imigrante é uma peça solta dentro do arranjo social e que, quando não produz, torna-se invisível e indesejada.

O então Ministro do Interior, Nicolas Sarkozy, também participou da reforma das diretrizes da política de asilo, que teve como principal função diminuir o tempo de espera de resposta aos requerentes. O presidente Chirac considerava inaceitável o pedido demorar cerca de 18 meses para ser analisado enquanto o tempo médio reconhecido pelo Escritório Francês para a Proteção de Refugiados e Apátridas (Ofpra) eram 7 meses e uma semana. Tratava-se de uma proposta ambiciosa, já que o número de solicitações estava em ascensão e havia constantes reclamações sobre a capacidade de treinamento dos oficiais que lidavam com as pesquisas de perseguições²³ e os demais trâmites legais. As demais medidas envolviam a Convenção de Genebra, tempo de reclusão administrativa máximo permitido de 12 dias antes do egresso do indivíduo. Um dos objetivos também seria aumentar essa taxa de egresso, então, muitos ativistas entenderam essas medidas mais como restritivas do que como auxiliadoras²⁴.

Posteriormente, no ano em que Sarkozy assumiu a presidência da França (2007), manchetes rondavam a Europa dizendo que o número de solicitantes de asilo estava em declínio na maioria dos países do bloco desde 2004. Na época, Sarkozy declarou como “espetacular” esse dado de redução de solicitações de asilo. O *Le Monde* manteve o termo na manchete, dando ênfase na conotação. O governo francês interpretou a baixa de requisições como resultante das alterações na política de solicitação de asilo. A França continuava sendo o primeiro país procurado pelos imigrantes, mas a nova política foi capaz de captar fraudes nos processos, deixando de ser uma “fábrica clandestina”²⁵. Apesar de tudo, a França seguiu a tendência dos demais países industrializados pertencentes ao bloco, como Alemanha, Bélgica e Áustria. Houve também uma melhora considerável no cenário internacional, muitos países melhoraram

²³ Os departamentos de imigração fazem uma busca individual para entender o histórico do requerente de asilo, um dos pontos cruciais é a perseguição religiosa, política ou racial. Em caso afirmativo, o indivíduo tem direito à proteção internacional.

²⁴ Segundo o artigo “Comment le gouvernement va réformer le droit d’asile”, do **Le Monde**, publicado no dia 30 de julho de 2020. Disponível em: https://www.lemonde.fr/archives/article/2002/07/31/comment-le-gouvernement-va-reformer-le-droit-d-asile_4256755_1819218.html. Acesso em: 15/08/2020.

²⁵ Termo utilizado no artigo “La demande d’asile baisse dans la plupart des pays européens”. **Le Monde**. disponível em: https://www.lemonde.fr/europe/article/2007/03/14/la-demande-d-asile-baisse-dans-la-plupart-des-pays-europeens_882891_3214.html. Acesso em: 15/08/2020.

internamente, como apontou o ACNUR, o que inibiu²⁶ a necessidade de refúgio. No entanto, o órgão ainda indicou o risco jurídico e social enfrentado pelos novos solicitantes em meio às políticas restritivas francesas e ressaltou que feria a imagem do país que sempre se portou à frente na luta pelos direitos humanos²⁷. Em suma, o artigo esclarece que, na época, o governo francês mascarou o lado negativo de suas novas diretrizes para as políticas de asilo com o resultado da queda do número de solicitações, sendo que há mais variáveis envolvidas para se decretar um “espetáculo”, tais como o cenário internacional e a questão da França seguir os demais países industrializados da UE, que também tiveram uma queda nas requisições de asilo. Mais uma vez o jornal confrontou as falas do governo acerca das políticas migratórias. É de se ressaltar que o *Le Monde* aprecia colocar os contrapontos em suas matérias, instigando o leitor a refletir e criar a sua própria opinião.

O artigo “‘La France et l’immigration: la fin d’une époque’, par Smaïn Laacher” (França e imigração: o fim de uma era, escrito por Smaïn Laacher – tradução livre), publicado em julho de 2007, faz uma alusão ao Ministério da Imigração, Integração, Identidade Nacional e Desenvolvimento Solidário da União Europeia e a posição dos franceses frente ao ideal identitário da sociedade francesa. Laacher argumenta que o órgão funciona como uma “comunicação” entre as sociedades europeias e os fluxos migratórios dando abertura para a diversidade, que cada vez mais, com a globalização, torna-se presente no cotidiano dos europeus. Ao analisar as competências do Ministério, centraliza-se na “imigração” e “integração”, fatores que frequentemente são vistos como barreiras para os imigrantes. Para o autor, é fundamental para os imigrantes que haja uma consonância entre essas políticas para que os imigrantes consigam se desenvolver na sociedade de acolhida. O sociólogo ainda pontua que isso não é o fator “surpreendente”, e, sim, a ideia de identidade nacional institucionalizada:

Mas para o que remete, para este ministério, a identidade nacional?
A resposta não é difícil de encontrar. Para dizer as coisas rapidamente, o Estado tem a cargo, e desde há muito tempo, da identidade nacional, sem que isso seja estipulado e codificado

²⁶ Segundo o ACNUR, em 2006, as atenções estavam voltadas para o Haiti, após o terremoto. O cenário internacional estava menos conturbado no Oriente Médio, sendo este o maior fluxo de imigrantes para a Europa, diminuindo a necessidade migrar.

²⁷ “France, terre d’asile”. **Le Monde**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/idees/article/2007/03/14/france-terre-d-asile_882864_3232.html. Acesso em: 20/08/2020.

como tal: muito simplesmente permitindo, sob certas condições, a inclusão do outro em casa. Com que meios? Utilizando legitimamente o monopólio das condições jurídicas e simbólicas de acesso à nacionalidade francesa. Mas então, por que ter objetado sob a forma de preocupação de Estado oficial a proteção da identidade nacional? Porque é através do acolhimento dos recém-chegados na ordem nacional, e portanto na sua nova nacionalidade, que vem se alojar e traduzir para o atual governo a defesa nacionalista da identidade (tradução livre).²⁸

Segundo Laacher, ter direitos ao asilo e à residência não torna um imigrante um nacional, mas, sim, o processo de naturalização. Para o autor, com esse processo, o indivíduo é capaz de se sentir pertencente e detentor de direitos. O autor ainda menciona que a conquista sai do espectro jurídico e se direciona para a “honra e o poder”, pois é necessário comprovar que o indivíduo faça jus ao título que está recebendo e que merece ser detentor daquilo. A cidadania francesa pode dar um novo sentido à vida do imigrante, pois, por fim, oficialmente ele é um cidadão francês e europeu, pertencendo a um dos países mais influentes do globo. Esse argumento vai na contramão do pensamento de Sayad. Para o argelino, ser detentor de documentos não torna o imigrante reconhecido como cidadão pela sociedade receptora. Esse ponto se estende até os descendentes dos imigrantes, que, mesmo nascidos em território francês, não são vistos pela sociedade como cidadãos. Sayad afirma que as sociedades enxergam o imigrante como uma mão de obra transitória e não pertencente àquele espaço, logo, mesmo com documentos e passaporte, ele não será um cidadão frente aos demais que nasceram ali e possuem uma linhagem local.

3.2. O governo de François Hollande (2012-2017) e a crise imigratória

François Hollande, do Partido Socialista, iniciou o seu mandato em maio de 2012, tendo como Primeiro-Ministro Manuel Valls. Esperava-se um governo com foco

²⁸ “Mais à quoi renvoie, pour ce ministère, l'identité nationale? La réponse n'est pas difficile à trouver. Pour dire les choses rapidement, l'Etat a la charge, et depuis longtemps, de l'identité nationale, sans pour autant que cela soit stipulé et codifié comme tel: tout simplement en permettant sous certaines conditions l'inclusion de l'autre chez soi. Par quel moyen? En usant légitimement du monopole des conditions juridiques et symboliques d'accès à la nationalité française. Mais alors, pourquoi avoir objectivé sous forme de souci d'Etat officiel la protection de l'identité nationale? Parce que c'est par l'accueil des nouveaux venus dans l'ordre national, et donc dans leur nouvelle nationalité, que vient se loger et se traduire pour l'actuel gouvernement la défense nationaliste de l'identité nationale”. LAACHER, Smaïn. “La France et l'immigration: la fin d'une époque”. **Le Monde**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/idees/article/2007/07/17/la-france-et-l-immigration-la-fin-d-une-epoque-par-smain-laacher_936361_3232.html. Acesso em: 20/08/2020.

nas questões sociais e havia também uma expectativa acerca da retomada econômica. Durante o seu primeiro ano de mandato, os níveis de popularidade se mantiveram altos e depois decaíram drasticamente, levando-o à decisão de não concorrer à reeleição. Hollande foi o presidente francês que teve que lidar com o início da crise humanitária dos refugiados sírios e promover resoluções e debates sobre o tema.

O *Le Monde* obteve com exclusividade acesso a uma carta de Valls sobre os rumos da política de asilo, que estava em discussão para reformulação desde o mandato anterior. O objetivo do novo governo era romper com a política “numérica” de egressos de Sarkozy. Valls explica que Hollande desejava realizar o número de deportações necessárias em razão da documentação irregular, mas não as colocar como um índice de sucesso nas políticas de asilo. Também buscava extinguir os egressos voluntários das estatísticas, já que isso não competia aos méritos da política de asilo. A partir de então, os imigrantes também não poderiam mais ser presos quando estivessem nas prefeituras, regularizando seus documentos, garantindo uma proteção administrativa. No entanto, haviam conteúdos que enrijeciam as medidas, como a autorização para as prefeituras considerarem os imigrantes irregulares presos como pessoas procuradas a fim de evitar as “redes de imigração ilegal”. A reação popular entendeu que Valls e o governo, conseqüentemente, não tomaram partido, mantendo atitudes direitistas e reforçando-as em meio às atitudes pacificadoras de tendência esquerdista. O jornal já criticou em ocasiões anteriores aqui descritas que essa manipulação dos dados por parte do governo com a intenção de promover o “sucesso” de suas políticas é prejudicial, pois estaria criando uma situação aquém da realidade e isso acabaria por confundir a opinião pública. Dessa forma, o jornal reiterou o seu papel social de apontar tais incoerências e colocar críticas de especialistas no assunto, uma atitude importante, pois, apesar de o *Le Monde*, possuir uma tendência ideológica mais próxima da esquerda, apresenta outros pontos de vista, mostrando diferentes visões da história e deixando para o leitor a decisão de qual delas seguir. Ao expor um dado contrário ao governo, fica nítido que o jornal se posiciona politicamente – mesmo se tratando do governo de esquerda de Hollande.

Com a ascensão da crise humanitária na Síria, que em setembro de 2013 ultrapassou o número de 2 milhões de refugiados, segundo o ACNUR²⁹, o governo

²⁹ ACNUR. Agência da ONU para Refugiados. “ACNUR: 2 milhões de sírios estão refugiados”. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2013/09/03/acnur-02-milhoes-de-sirios-estao-refugiados/>. Acesso em: 20/08/2020.

Hollande se colocou favorável à intervenção militar no território sírio, juntamente a outros países do bloco e os Estados Unidos. A ONU naquele momento estava tentando diálogo com a União Europeia para que os países-membros acolhessem as pessoas em situação de refúgio que adentravam o continente. Segundo o artigo do *Le Monde*, “La France se montre réticente à accueillir des réfugiés syriens sur son territoire” sobre a problemática, a organização internacional não obteve amplo sucesso nas negociações e especialmente a França, que até a data de publicação da matéria (3/9/2013), não havia respondido ao pedido do ACNUR para receber as pessoas oriundas da crise. Tal atitude confrontou os ideais de esquerda do então governo, enquanto a Alemanha de Merkel se prontificou em acolher cerca de 5 mil refugiados, dando-lhes a assistência necessária – obtendo o destaque de gestão da crise contemporânea. A matéria expõe que a França, desde janeiro de 2013, havia concedido asilo para cerca de 700 sírios, sendo esse número majoritariamente de pessoas que fizeram a requisição presencialmente no território francês. Ainda foi dito que o sistema de solicitações estava sobrecarregado e que a demanda global não tinha sido amplamente respondida. É possível também entrar com o pedido via embaixada, como exposto anteriormente.

A proposta enviada pelo ACNUR contemplava dois caminhos: primeiro, acolher as pessoas em situação de refúgio como parte de um programa de reassentamento, que consistia na transferência dessas pessoas para um terceiro país, já que o de origem estava impossibilitado – por conflitos ou desastres naturais. Então, o papel do Estado receptor seria encontrar e negociar a acolhida do imigrante, proporcionando-o segurança física e jurídica, um movimento delicado e de esperança, já que muitos estão fragilizados longe de seus países. Nesse caso, é necessário que o terceiro país lhe ofereça serviços de orientação linguística, profissional e cultural para que sejam integrados à nova sociedade. A segunda solução dada pela organização governamental foi a oferta de proteção temporária, com um apoio social mais brando – distinto ao concedido no reassentamento. Essa opção foi criada pelo ACNUR em razão dos fluxos emergenciais de pessoas e consistia em uma forma provisória de acolhimento, mas a organização insistia que devia focar em algo duradouro para evitar outros recomeços, já que os refugiados precisam criar um laço com o local e se adaptar aos novos costumes e realidades.

É importante ressaltar que a proteção temporária pode ser suspensa quando o país natal do refugiado se restabelecer, assim forçando-o a retornar para casa. Essa situação é mais comum quando as pessoas em mobilidade transnacional chegam por

conflitos ou atentados aos direitos humanos. O protegido temporário não detém os mesmos direitos que o *status* de refugiado concede, como o direito de auxílio social. O ACNUR espera que isso evolua com o tempo. O governo francês, em outubro de 2013, aceitou receber 500 refugiados sírios em situação de extrema vulnerabilidade identificada pelo ACNUR, os quais chegaram em janeiro e já possuíam o *status* de refugiado³⁰. O *Le Monde*, ao longo das matérias sobre a Imigração Síria, insistia na falta de ação da União Europeia frente à crise humanitária que se formara. O jornal enfatizou as tentativas do ACNUR no acolhimento dos refugiados e a falta de políticas francesas para que isso se concretizasse. A trilha idealizada pelo governo francês não ia de encontro com as necessidades apresentadas pela organização internacional. Em diversos momentos, como os expostos neste capítulo, as medidas tomadas acabavam por dificultar a entrada dessas pessoas.

Em 2014, o Escritório Francês para Proteção dos Refugiados e Apátridas (Ofpra) realizou sua primeira missão de encontro aos refugiados sírios, como noticiado pelo *Le Monde*³¹. Foi um fato histórico, já que isso não ocorria desde os conflitos no Kosovo (1998-1999). As autoridades francesas tinham o objetivo de entender as motivações sírias para irem até a Europa e ouvir as suas dificuldades, pois perceberam que, até aquele momento, cerca de 5 mil sírios chegaram ao território francês por conta própria. Adentrar o território europeu é difícil para os refugiados. Dessa forma, os agentes franceses se dispuseram a ir de encontro aos solicitantes de asilo, alocados majoritariamente nas fronteiras da Síria com a Jordânia, Líbano e demais regiões para realizar as entrevistas necessárias para conceder-lhes residência, conforme os padrões utilizados internamente na França. Foi feita uma ação denominada “Un titre de séjour de dix ans” (“Um bilhete de dez anos”, tradução livre), em que as pessoas que foram aprovadas eram retiradas e levadas para a França como refugiados, tendo direito ao trabalho e educação, além de residência por 10 anos no país.

³⁰ La France s'engage à accueillir 500 réfugiés syriens. **Le Monde**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/politique/article/2013/10/16/la-france-s-engage-a-accueillir-500-refugies-syriens_3496954_823448.html. Acesso em: 20/08/2020.

³¹ Syrie: la France ira au-devant des réfugiés dans les pays frontaliers. **Le Monde**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/proche-orient/article/2014/02/24/syrie-la-france-ira-au-devant-des-refugies-dans-les-pays-frontaliers_4372615_3218.html. Acesso em: 17/09/2020.

A França era contra as cotas para imigrantes propostas naquele momento, movimento para que os países europeus recebessem imigrantes em números condizentes com os que o sistema social conseguisse abarcar, sem prejudicar o andamento das demais políticas internas, já que a Europa na época estava saindo de uma crise econômica e tinham países, como a Grécia, que ainda enfrentavam uma situação delicada e, por ter localização estratégica, ainda estavam recebendo muito mais pessoas do que conseguiam dar assistência. O ACNUR pretendia dialogar com os Estados-membros para encaminhar pessoas em situação de vulnerabilidade social que estavam nos campos e precisando de reassentamento em um terceiro país.

No entanto, o governo de Hollande clamava por uma “distribuição equitativa” dos refugiados pelo continente europeu. O país perdeu a posição de mais procurado pelos imigrantes para a Alemanha, que já estava recebendo um alto fluxo de refugiados. A França caiu para o sexto lugar. O *Le Monde* compilou dados do Eurostat para entender esse fenômeno recente constatando que a França concede cerca de 50% menos *status* de refugiado (cerca de 22% dos requerentes obtêm) em comparação com a União Europeia, que chega até a 45% de concessões, fazendo com que isso crie um “desinteresse” pelo país por parte dos imigrantes e refugiados. A matéria deixa bem claro que cada país do bloco recebe os seus imigrantes como quiser, deixando-os na rua ou em abrigos e dando-lhes auxílios para alimentação, por isso notam-se as discrepâncias de tratamento entre os países. Na mesma reportagem, Valls reitera que a França está se esforçando, indicando que, desde 2012, cinco mil sírios foram aceitos no país, mas dessa conta nem todos vieram por indicação do ACNUR. Como comparativo, a Alemanha, em 2014, prontificou-se a receber dez mil refugiados e, em 2015, mais dez mil teriam asilo no país, segundo o *Le Monde*³².

Em meados de 2015, a Alemanha e a França solicitaram à Comissão Europeia novos debates sobre os seus critérios para acolher os refugiados.

Os dois ministros declaram-se dispostos a aceitar a filosofia geral que inspira um plano de repartição entre os Vinte e Oito, evocado em 27 de maio, mas pedem, em nome da “responsabilidade” e da “solidariedade” que o esforço seja equitativamente repartido entre todos os Estados europeus. O Presidente do PE, Hans-Gert Pöttering, afirmou que a França, a Alemanha, a Suécia, a Itália e a

³² BAUMARD, Maryline. “Ce qui se cache derrière les quotas européens de réfugiés”. *Le Monde*. Disponível em: https://www.lemonde.fr/europe/article/2015/05/17/ce-qui-se-cache-derriere-les-quotas-europeens-de-nbsp-refugies_4634860_3214.html. Acesso em: 20/08/2020

Hungria partilham 75% dos pedidos de asilo. Essa situação já não é sustentável. Aclamam também por “uma melhor tomada em consideração dos esforços já efetuados em relação à proteção internacional e de outras formas de assistência já criadas, tais como a admissão humanitária (tradução livre)”.³³

Diante do exposto até então, tem-se o histórico dos debates acerca das políticas de imigração que contemplam desde a França como Estado Nacional até perspectivas mais expansivas, como a própria União Europeia. O *Le Monde* postulou críticas às medidas tomadas pelo governo francês, como o endurecimento das políticas de asilo que acabam por dificultar a entrada dos imigrantes. Esta, em específico, o governo classificou como um “sucesso”, mas o jornal apontou incoerências junto ao ACNUR, que colocaram o cenário internacional como um fator positivo para a queda das requisições de asilo e que a França seguiu a tendência de queda dos demais países industrializados do bloco. O jornal assumiu a sua posição crítica ao longo do histórico apresentado, mesmo frente a um governo de esquerda – como o de Hollande –, questionando a credibilidade da União Europeia na resolução da crise humanitária e na pactuação de ajuda mútua com o ACNUR.

3.3. O impacto da morte de Aylan Kurdi nas políticas de imigração na França e União Europeia

A discussão principal que estava presente quando Aylan Kurdi faleceu era sobre as cotas, que incisivamente a França se negou por tempos em aceitar. Nesse meio tempo, recebeu refugiados a pedido do ACNUR e dos que chegavam por conta própria, mas, até então, não havia um compromisso firmado. Como já exposto no capítulo anterior, dois dias após a morte do menino sírio, François Hollande se juntou à Angela Merkel e aceitou a política de cotas proposta pela ONU e se comprometeu a receber 24 mil refugiados em dois anos, conforme a política de cotas estimou para o país. Vale

³³ “Les deux ministres se disent prêts à accepter la philosophie générale qui inspire un plan de répartition entre les Vingt-Huit, évoqué le 27 mai, mais ils demandent, au nom de la “responsabilité” et de la “solidarité”, que l’effort soit équitablement réparti entre tous les États européens. Ils rappellent que “cinq Etats membres se partagent 75 % des demandeurs d’asile: la France, l’Allemagne, la Suède, l’Italie et la Hongrie. Cette situation n’est plus soutenable”. Ils réclament aussi “une meilleure prise en compte des efforts déjà effectués au regard de la protection internationale et d’autres formes d’assistance déjà mises en place, telles que l’admission humanitaire”. In STROOBANTS, Jean Pierre. “Droit d’asile: la Commission européenne prête à discuter des critères de repartition”. **Le Monde**.

Disponível em: https://www.lemonde.fr/europe/article/2015/06/01/droit-d-asile-la-commission-europeenne-prete-a-discuter-des-criteres-de-repartition_4645100_3214.html. Acesso em: 20/08/2020.

apontar, porém, que a quantidade ainda seguia muito abaixo do que a Alemanha vinha acolhendo.

A notícia veiculada pelo *Le Monde* também explicitava a cronologia dos fatos, concluindo que a comoção generalizada causada pela foto do menino Kurdi impactou até mesmo as relações internacionais e o futuro das políticas de asilo e imigração. O artigo chegou a associar a morte do menino a um novo futuro para o destino dos fluxos de imigrantes, reforçando que, a após aquele momento, a União Europeia e seus membros poderiam passar a agir com humanidade, sendo esse um dos preceitos do bloco. A carta enviada pelos Chefes de Estado pedia a distribuição dos imigrantes e a urgência na implementação das medidas discutidas, como criação de “*hot spots*”³⁴ para que os imigrantes solicitantes de asilo fossem identificados já nas fronteiras da Itália e da Grécia, além do empenho dos demais líderes para que eles chegassem a um “sistema europeu unificado de asilo”, defendendo o Acordo de Schengen. Na França os refugiados acolhidos iriam para centros temporários até que as documentações fossem avaliadas e o pedido fosse concedido pelo Ofpra para, então, serem redirecionados para outros municípios a fim de dar continuidade às suas vidas.

A morte de Aylan Kurdi pode ter sido um passo para que o imaginário francês mudasse a sua visão acerca dos imigrantes, além de ter criado um rearranjo no espaço político do país. O discurso contrário à presença de imigrantes se tornou mais brando na Europa como um todo, apesar de países como o Reino Unido reforçarem a suas posições contra a entrada de imigrantes como uma forma de manter os seus ideais culturais preservados. As opiniões contra a imigração podem estar relacionadas com as campanhas realizadas por esses governos, que estimulam a segregação e a não integração. Na Alemanha a opinião pública era majoritariamente a favor da recepção das pessoas em situação de refúgio, conforme uma matéria do *Le Monde* com perguntas dos internautas respondidas pelo correspondente Frédéric Lemaître³⁵.

No dia 15 de setembro de 2015, o *Le Monde* noticiou a primeira visita de François Hollande aos refugiados situados no subúrbio de Paris, realizada no dia 12. Lá o presidente conversou com diversos requerentes de asilo sírios, que inclusive já haviam

³⁴ Os *hot spots* são centros de recepção e captação documental e de dados para que se possa iniciar o processo de requerimento de asilo e mensurar quem está apto para tal ação. Eles são alocados provisoriamente em locais com intenso fluxo de pessoas migrantes e estão ligados ao Frontex.

³⁵ “Angela Merkel suit l’opinion publique allemande, très favorable à l’accueil des réfugiés”. **Le Monde**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/europe/article/2015/09/10/angela-merkel-suit-l-opinion-publique-allemande-tres-favorable-a-l-accueil-des-refugies_4751584_3214.html. Acesso em: 22/08/2020.

passado pela Alemanha antes de chegarem à França, e os prometeu que suas solicitações teriam uma devolutiva em 15 dias. No dia 22 de setembro, foi veiculado que a União Europeia aceitou realocar 120 mil refugiados da Grécia e da Itália pelos seus territórios em duas etapas.

As reações públicas tanto da população quanto dos militantes dos direitos humanos elevaram a disseminação da história, que a princípio se tratava de algo que infelizmente acontecia frequentemente nas zonas de fronteira marítima. Essas reações acabaram por desencadear a comoção social, como coloca Fassin, o sentimento coletivo pode alterar os rumos políticos. Todavia, o autor reforça que o sentimento pode vir acompanhado de um caráter seletivo e isso corrobora para enfatizar ainda mais a condição do refugiado que não será visto como um cidadão detentor de direitos. Essa comoção é geralmente passageira. Com o passar do tempo e com a perda de espaço nas mídias, a situação dos refugiados sírios não seria mais notada e a opressão cotidiana voltaria a rondar a vida dessas pessoas em deslocamento forçado.

Os próximos meses de publicação do jornal foram analisados para verificar se a notícia de Aylan Kurdi obteve somente um efeito momentâneo nas políticas migratórias francesas. No dia 16 de novembro de 2016, três dias após os ataques terroristas em Paris, que deixou dezenas de feridos e mortos, o *Le Monde* veiculou a notícia de um discurso proferido por François Hollande, afirmando que as políticas de imigração teriam continuidade e ainda comparou as vítimas francesas aos sírios que deixam o seu país em razão do Estado Islâmico. O jornal ressaltou que muitos esperavam que as políticas se tornassem mais restritas por causa do atentado, mas foi um discurso positivamente recebido por parte da opinião pública. O *Le Monde* apontou criticamente que as falas do presidente suplicaram ao Frontex a instalação ligeira dos *hot spots*. Em um trecho, Hollande discursa explicitamente sobre a acolhida dos refugiados, ressaltando que a Europa precisa passar a controlar as suas fronteiras externas, pois essa falha, na verdade, dá espaço para os Estados Nacionais o façam por si só, além de fiscalizar e mandar de volta para o país de origem os imigrantes que não possuem direito ao asilo, o que, de certa forma, soa como um discurso ambíguo ao exaltar a recepção de pessoas em situação de refúgio em uma extremidade e, na sua oposição, expor a necessidade de maior controle fronteiriço da União Europeia.

A França teve um aumento de 27% nos requerimentos de asilo em relação ao ano de 2014, de acordo com o Ofpra³⁶. Na matéria, o *Le Monde* pontua explicitamente que o *modus operandi* pode ter sido alterado. Enquanto isso, na Alemanha, Merkel passou a ser criticada sobre as políticas fronteiriças, pois, para a população, as fronteiras nacionais deveriam se manter protegidas até que a União Europeia chegasse a um consenso para as fronteiras externas – retomando a mesma colocação de François Hollande proferida em novembro de 2016. Portanto, nesse intervalo de tempo (novembro de 2015 – janeiro de 2016), pode-se dizer que a União Europeia não trabalhou duramente para pôr em prática uma política comum para as fronteiras externas – como os *hot spots*, o que afetariam as questões de segurança interna, um dos maiores motivos para impulsionar o discurso contra a imigração.

A morte de Aylan Kurdi apresentou uma face às questões do conflito sírio e a sua subsequente crise humanitária. Passada a comoção pública, as políticas de acolhida não evoluíram na velocidade necessária. Por exemplo, até o dia 26 de janeiro de 2016, somente cerca de 62 refugiados³⁷ foram levados de *hot spots* da Grécia para a França, frente aos 30 mil prometidos durante dois anos pelo governo francês.

Logicamente nem tudo evoluiu bem, a Áustria, por exemplo, construiu parte de seu muro para evitar a entrada de imigrantes ilegais, mas, ao mesmo tempo, refugiados na França iniciaram as suas aulas de francês na Universidade de Nanterre – que criou um curso especificamente para pessoas nessas condições, entendendo a necessidade da língua para a integração social. Na Bélgica, a população foi contra as palavras de um governador que solicitou para que as pessoas não alimentassem os refugiados para não atrair os demais – em um tom firme: "*Ne nourrissez pas les réfugiés, sinon d'autres viendront*". Tanto a população belga quanto a mídia criticaram fortemente as palavras do governador e em protesto trouxeram mais alimentos em solidariedade aos imigrantes. Em fevereiro de 2016, a União Europeia aprovou um fundo de cerca de 2

³⁶ BAUMARD, Maryline. "La France a accepté 27 % de réfugiés de plus en 2015". **Le Monde**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/immigration-et-diversite/article/2016/01/12/la-france-a-accepte-27-de-refugies-de-plus-en-2015_4845698_1654200.html. Acesso em: 22/09/2020.

³⁷ La France a accueilli 62 réfugiés 'relocalisés', sur les 30 000 promis. **Le Monde**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/les-decodeurs/article/2016/01/26/la-france-a-accueilli-62-refugies-relocalises-sur-les-30-000-promis_4853895_4355770.html. Acesso em: 17/09/2020.

bilhões de euros, sendo cerca de 309 milhões de euros doados pela França³⁸ para auxiliar os refugiados que se encontravam na Turquia com a finalidade de aumentar principalmente o acesso à educação e à saúde. Por fim, pode-se entender que a repercussão da morte Aylan Kurdi abriu um caminho de esperança para os milhões de refugiados mundo afora. Algumas conquistas políticas iniciadas na época de sua morte tiveram continuidade, mesmo em meio a retrocessos relacionados às novas restrições e controles dos fluxos migratórios na União Europeia e na França. A grande comoção popular, que sensibilizou governantes e diversas organizações sociais para o problema dos refugiados, ficou mais restrita ao contexto da repercussão midiática da morte de Aylan Kurdi.

³⁸ Feu vert de l'UE au fonds d'aide pour les réfugiés syriens en Turquie. **Le Monde**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/europe/article/2016/02/03/feu-vert-de-l-ue-au-fonds-d-aide-pour-les-refugies-syriens-en-turquie_4858868_3214.html. Acesso em: 25/08/2020.

Considerações finais

A imigração está se tornando uma das grandes questões da atualidade para a comunidade internacional. Os diversos conflitos no globo geram milhões de deslocados que enfrentam situações degradantes e barreiras políticas, culturais e econômicas para tentar sobreviver em outros contextos nacionais. A família de Aylan Kurdi deixou a Síria na esperança de dar um futuro melhor para os seus filhos. Tentaram primeiro ir para o Canadá reencontrar familiares, mas tiveram seus pedidos negados. Então, a saída mais próxima era chegar à Europa. Para isso, foram até a cidade de Bodrum, na Turquia, para embarcar em botes infláveis ilegais para chegarem até a Grécia. Infelizmente, o bote afundou e o menino Aylan, de apenas três anos, foi encontrado morto em uma praia turca de um jeito comovente.

As mídias internacionais bombardearam suas primeiras páginas com fotos do garoto. O *Le Monde*, principal jornal abordado nesta pesquisa, estampou suas manchetes com o menino deitado em uma posição angelical na areia, questionando os governantes do maior e mais influente bloco econômico – a União Europeia – sobre a falta de políticas para conter a crise humanitária que passara a adentrar o território europeu. Para parte dos jornalistas do *Le Monde*, a foto poderia representar a paz almejada que o pequeno menino não teve a chance de viver em vida; para outros, significava a tragédia coletiva simbolizada naquele pequeno corpo sem vida. Nos dias seguintes, com a viralização da foto e de sua história, várias homenagens foram feitas, incluindo desenhos de asas de anjos nas costas do menino e também charges e outros desenhos que explicitavam a situação crítica por colocar um muro de arame farpado para separar a Europa dos considerados “indesejáveis”.

Os imigrantes seguem seus rumos acompanhados da xenofobia promovida pelos cidadãos das sociedades de destino ou de trânsito, ponto fortemente abordado por Fassin e Sayad. Para Sayad, os imigrantes possuem um aspecto passageiro, associado ao labor, por mais que tenham documentos e residência legal, não serão vistos como um cidadão detentor de direitos. Fassin reitera que o sentimento causado por episódios como o de Aylan Kurdi causa uma comoção seletiva, que, com o esquecimento, faz com que os refugiados voltem a ser agredidos e oprimidos em diversas situações cotidianas.

Por fim, o histórico das políticas públicas voltadas para a problemática aponta que algumas melhorias tiveram continuidade, principalmente na questão do acolhimento. Nos meses seguintes à repercussão da morte do menino sírio, as ações

políticas voltadas para imigração ganharam destaque na comunidade internacional, apesar de terem países que agiram no sentido oposto. A morte de Aylan Kurdi floresceu – de forma lastimosa – a necessidade de enxergar a realidade das fronteiras e principalmente do futuro dessa crise migratória. O tema foi impulsionado com a indignação disseminada pela mídia, fazendo com que o assunto se tornasse mais popular. Nessa esfera, o fervor público se deu muito em razão das fotos e da comoção gerada por elas e pela história do menino. Com o passar do tempo, a opinião pública voltou a negar a presença dos refugiados – como aconteceu na Alemanha³⁹.

É fundamental também ressaltar o poder da mídia de dar visibilidade momentânea a determinados eventos e histórias particulares no universo da imigração, enquanto deixa na invisibilidade tantos outros acontecimentos e histórias de vida marcadas por sonhos, experiências e tragédias individuais e coletivas. Como observamos nas reportagens, fora do contexto da comoção da morte do menino, a receptividade aos refugiados não é mais unanimidade para os franceses, ainda mais após os ataques terroristas de 13 de novembro de 2015.

Em suma, a disseminação em massa da foto do menino Aylan Kurdi mostrou ao mundo e principalmente aos líderes europeus a necessidade de uma ação política mais acolhedora, especialmente em relação aos refugiados sírios. Desde então, as discussões estabelecidas previamente e durante o acontecimento se aceleraram e trouxeram alguns resultados concretos. Mesmo em meio às posições anti-migratórias de alguns países-membros, a França e a Alemanha se colocaram na dianteira das ações de acolhida no âmbito da União Europeia.

³⁹ LEMAÎTRE, Frédéric. Réfugiés: Merkel critiquée de toutes parts. **Le Monde**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/Allemagne/article/2016/01/15/refugies-merkel-critiquee-de-toutes-parts_6005934_1666705.html. Acesso em: 30/08/2020.

Referências

Bibliografia

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I**. 2ª edição, Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 128.

ALLOA, Emmanuel. **Penser l'image**. Dijon: Presses du réel, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Oeiras: Celta Editora, 1997.

FOUCHER, Michel. **L'Obsession des frontières**. Paris: Perrin, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. Curso dado no Collège de France (1978-1979). Martins Fontes, 2008.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura**. São Paulo: Editora Paulus, 2014.

REIS, Rossana Rocha. **Políticas de imigração na França e nos Estados Unidos (1980-1998)**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2007.

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: A. Edusp, 1998.

Artigos, periódicos e revistas online

ACNUR. Agência da ONU para refugiados. “Refugiados”. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/refugiados/>. Acesso em: 05/12/2019.

_____. “Europe Situation”. Disponível em: <https://www.unhcr.org/europe-emergency.html>. Acesso em: 05/12/2019.

_____. “Estudo do ACNUR revela perfil, motivação e necessidades de refugiados sírios e afegãos que chegaram à Grécia em 2016”. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2016/02/23/estudo-do-acnur-revela-perfil-motivacao-e-necessidades-de-refugiados-sirios-e-afegaos-que-chegaram-a-grecia-em-2016/>. Acesso em: 21/11/2019.

_____. “ACNUR: 02 milhões de sírios estão refugiados”. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2013/09/03/acnur-02-milhoes-de-sirios-estao-refugiados/>. Acesso em: 20/08/2020.

AGIR, Michel. La fabrique des indésirables. **Le Monde Diplomatique**. Disponível em: <https://www.monde-diplomatique.fr/2017/05/AGIER/57491>. Acesso em: 11/08/2020.

AIDA. Asylum Information Database. “Statistics France”. Disponível em: <https://www.asylumineurope.org/reports/country/france/statistics>. Acesso em: 05/12/2019.

BAUMARD, Maryline. Ce qui se cache derrière les quotas européens de réfugiés. **Le Monde**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/europe/article/2015/05/17/ce-qui-se-cache-derriere-les-quotas-europeens-de-nbsp-refugies_4634860_3214.html. Acesso em: 20/08/2020.

_____. La France a accepté 27 % de réfugiés de plus en 2015. **Le Monde**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/immigration-et-diversite/article/2016/01/12/la-france-a-accepte-27-de-refugies-de-plus-en-2015_4845698_1654200.html. Acesso em: 22/09/2020.

BELLINI, Priscila. Como funciona um campo de refugiados. **Revista Superinteressante**. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/como-funciona-um-campo-de-refugiados/>. Acesso em: 27/09/2020.

BRÉVILLE, Benoît. Um grito sobre Schengen. **Le Monde Diplomatique**. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/um-grito-sobre-schengen/>. Acesso em: 21/11/2019.

CEAUX, Pascal; GATTEGNO, Herve; HERZBERG, Nathaniel; SAUX, Jean-Louis. M. Sarkozy: “Il faut porter le fer dans les zones de non-droit”. **Le Monde**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/archives/article/2002/05/31/m-sarkozy-il-faut-porter-le-fer-dans-les-zones-de-non-droit_4234324_1819218.html. Acesso em: 15/08/2020.

DA COSTA JÚNIOR, Carlos Nogueira. Crise Migratória na Europa em 2015 e os Limites da Integração Europeia: uma abordagem multicausal. **Conjuntura Global**, v. 5, n. 1, 2016.

EECKHOUT, Laetitia Van. La demande d’asile baisse dans la plupart des pays européens. **Le Monde**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/europe/article/2007/03/14/la-demande-d-asile-baisse-dans-la-plupart-des-pays-europeens_882891_3214.html. Acesso em: 15/08/2020.

FASSIN, Didier. “Compaixão e repressão: a economia moral das políticas de imigração na França”. **Ponto Urbe**. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n. 15, 2014.

FENOGLIO, Jérôme. Réfugiés: une photo pour ouvrir les yeux. **Le Monde**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/europe/article/2015/09/04/refugies-une-photo-pour-ouvrir-les-yeux_4744650_3214.html. Acesso em: 17/09/2020.

JORNAL Le Monde. La tragédie de la famille Kurdi. **Le Monde**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/europe/article/2015/09/04/la-tragedie-de-la-famille-kurdi_4745832_3214.html. Acesso em: 17/09/2020.

_____. France, terre d’asile. **Le Monde**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/idees/article/2007/03/14/france-terre-dasile_882864_3232.html. Acesso em: 20/08/2020.

_____. La France et l'immigration: la fin d'une époque, par Smain Laacher. **Le Monde**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/idees/article/2007/07/17/la-france-et-l-immigration-la-fin-d-une-epoque-par-smain-laacher_936361_3232.html. Acesso em: 20/08/2020.

JORNAL Le Monde. La France s'engage à accueillir 500 réfugiés syriens. **Le Monde**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/politique/article/2013/10/16/la-france-s-engage-a-accueillir-500-refugies-syriens_3496954_823448.html. Acesso em: 20/08/2020.

_____. Syrie: la France ira au-devant des réfugiés dans les pays frontaliers. **Le Monde**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/proche-orient/article/2014/02/24/syrie-la-france-ira-au-devant-des-refugies-dans-les-pays-frontaliers_4372615_3218.html. Acesso em: 17/09/2020.

_____. Angela Merkel suit l'opinion publique allemande, très favorable à l'accueil des réfugiés. **Le Monde**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/europe/article/2015/09/10/angela-merkel-suit-l-opinion-publique-allemande-tres-favorable-a-l-accueil-des-refugies_4751584_3214.html. Acesso em: 15/08/2020.

_____. La France a accueilli 62 réfugiés « relocalisés », sur les 30 000 promis. **Le Monde**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/les-decodeurs/article/2016/01/26/la-france-a-accueilli-62-refugies-relocalises-sur-les-30-000-promis_4853895_4355770.html. Acesso em: 17/09/2020.

_____. Feu vert de l'UE au fonds d'aide pour les réfugiés syriens en Turquie. **Le Monde**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/europe/article/2016/02/03/feu-vert-de-l-ue-au-fonds-d-aide-pour-les-refugies-syriens-en-turquie_4858868_3214.html. Acesso em: 25/08/2020.

LEMAÎTRE, Frédéric; DUCOURTIEUX, Cécile; STROOBANTS, Jean-Pierre; D'ALLONNES, David Revault. François Hollande rejoint Angela Merkel sur les quotas d'accueil de réfugiés. **Le Monde**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/europe/article/2015/09/04/francois-hollande-rejoint-angela-merkel-sur-les-quotas-d-accueil-de-refugies_4745821_3214.html. Acesso em: 11/05/2020.

LEMAÎTRE, Frédéric. Réfugiés: Merkel critiquée de toutes parts. **Le Monde**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/Allemagne/article/2016/01/15/refugies-merkel-critiquee-de-toutes-parts_6005934_1666705.html. Acesso em: 30/08/2020.

LIMA, Mayara. "Da Primavera Árabe ao Estado Islâmico: o caos humanitário em meio ao conflito na Síria". **Revista GAE-OMAM-Grupo de Análise Estratégica—Oriente Médio e África Muçulmana**, v. 1, n. 1, 2016.

MANGANA, Rafael. "Aylan Kurdi como imagem-despertador da crise dos refugiados: o enquadramento da imprensa ibérica". **Estudos em Comunicação**, v. 2, n. 26, 2018.

MIGNOT, Elisa. Les pieds en France, la tête à Damas. **Le Monde**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/a-la-une/article/2014/02/27/les-pieds-en-france-la-tete-a-damas_4374147_3208.html. Acesso em: 21/09/2020.

STROOBANTS, Jean Pierre. Droit d'asile: la Commission européenne prête à discuter des critères de répartition. **Le Monde**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/europe/article/2015/06/01/droit-d-asile-la-commission-europeenne-prete-a-discuter-des-criteres-de-repartition_4645100_3214.html. Acesso em: 20/08/2020.

Imagens

Gráfico ACNUR. Agência da ONU para Refugiados. Disponível em: <https://1.bp.blogspot.com/1BIAqnpD0UQ/XUov66ZGSil/AAAAAAACXRI/RjUhhWKG6MG--Kgyfz5a5HirjgkTiZQCLcBGAs/s1600/gr%25C3%25A1fico%2Babaixo%2Btrata-se%2Bda%2Bquest%25C3%25A3o%2Bsobre%2Brefugiados%2Bno%2Bglobo.jpg>. Acesso em: 05/12/2019.

Sírios em países vizinhos e na Europa. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/os-paises-que-mais-recebem-refugiados-sirios.html>. Acesso em: 05/12/2019.

Crise migratória. Disponível em: <https://f.i.uol.com.br/folha/mundo/images/15239312.png>. Acesso em: 20/02/2020.

Fotografia de Aylan Kurdi na praia. Disponível em: https://www.lemonde.fr/europe/article/2015/09/04/refugies-une-photo-pour-ouvrir-les-yeux_4744650_3214.html. Acesso em: 20/02/2020.

Charges relativas à morte de Aylan Kurdi. Disponível em: https://www.lemonde.fr/europe/portfolio/2015/09/04/1-hommage-a-aylan-kurdi-en-dessins_4745938_3214.html. Acesso em: 20/02/2020.

Mapa ACNUR. Agência da ONU para Refugiados. Iraq's population flight. Disponível em: The UN Refugee Agency (UNHCR), disponível em: <https://watson.brown.edu/costsofwar/costs/human/refugees>. Acesso em: 12/03/2020.